

The background of the cover features two cats. A large, dark-colored cat is positioned in the upper right, looking directly at the viewer with its eyes glowing a bright, fiery orange-red. To its left and slightly lower, a smaller, lighter-colored cat is also looking towards the viewer with its eyes glowing in the same fiery orange-red. The background is a dark, textured, and somewhat grainy grey, suggesting a dark, possibly outdoor or industrial setting.

HISTÓRIAS PARA LER

VOLUME VI

E MORRER DE MEDO

CONTOS E POEMAS DE TERROR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

O anjo, por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida, pág. 05
Lucidez, por Cris Viana, pág. 09
Dual, por Cristina Vergnano, pág. 18
Notivago jardim, por Bel Wells, pág. 24
Quando você vai..., por Hélio Sena, pág. 26
Vestida para matar, por M. Braz, pág. 30
Negotium perambulans in tenebris, por Ney Alencar, pág. 33
O come-gente, por Ney Alencar, pág. 38
Um nó na garganta, por Roberto Schima, pág. 42
Haverá algum talismã?, por Roberto Minadeo, pág. 48
Nefasta colheita, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 56
Conheça outros títulos da coleção, pág. 60

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

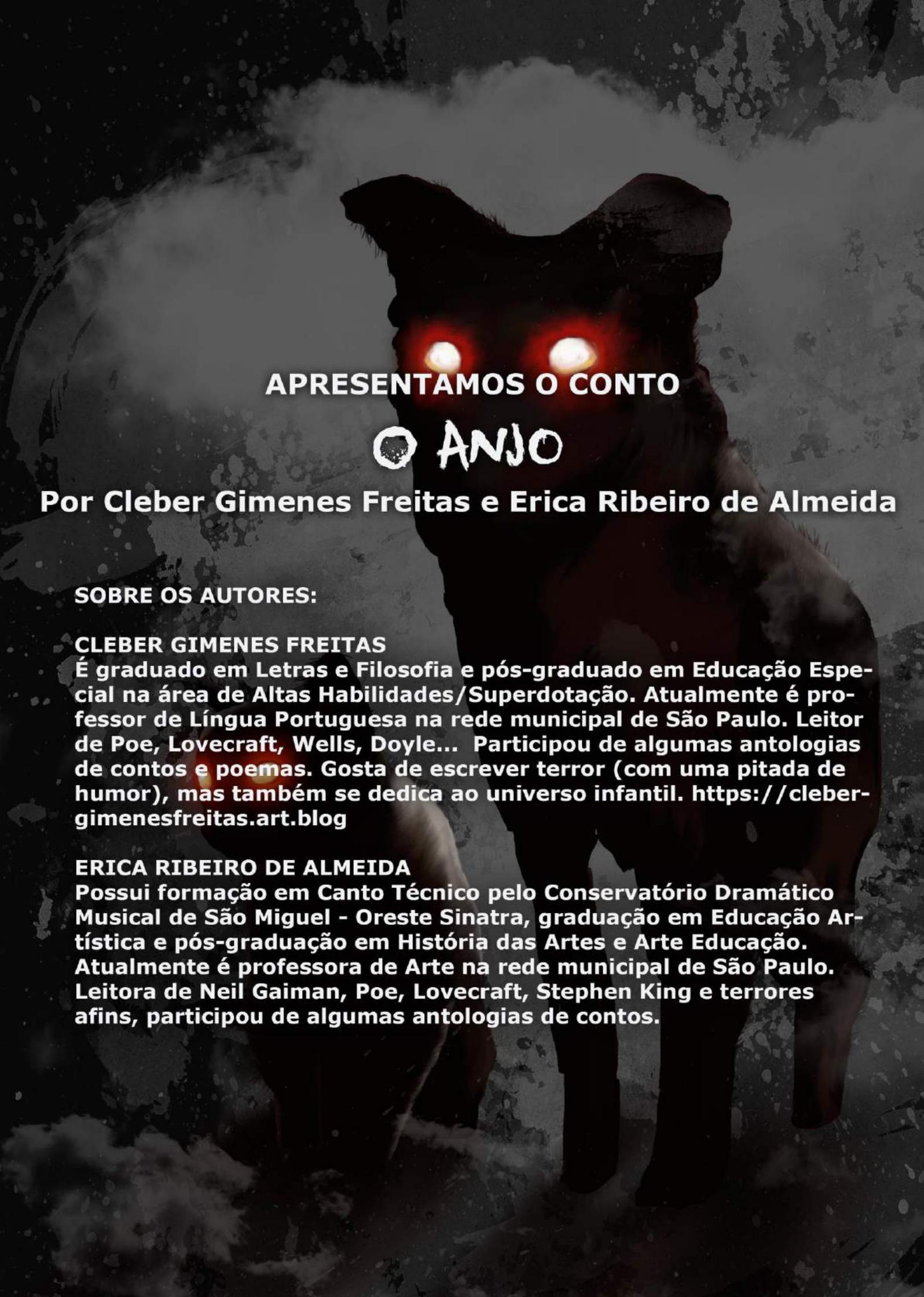
www.instagram.com/revistaconexaoliteratura.com.br
www.facebook.com/conexaoliteratura





A violenta tempestade desabou com selvageria durante toda aquela noite, mas nada de especial aconteceu. Na manhã seguinte, porém, ao descer para o desjejum, os Otis verificaram que a horrível mancha de sangue reaparecera no assoalho. "Não acho que a culpa seja do detergente Paragon", disse Washington , "pois já o experimentei num monte de coisas. Isto deve ser o fantasma". Ele conseguiu apagar a mancha pela segunda vez, mas na segunda manhã ela apareceu de novo. Na manhã do terceiro dia também lá estava, embora a biblioteca tivesse sido trancada à noite por Mr. Otis em pessoa, que ainda tomara o cuidado de levar a chave consigo ao subir. Toda a família encontrava-se agora interessadíssima e Mr. Otis começou a suspeitar de que havia sido dogmático demais ao negar a existência de fantasmas. —

Trecho de "O Fantasma de Canterville" — Oscar Wilde



APRESENTAMOS O CONTO

O ANJO

Por Cleber Gimenes Freitas e Erica Ribeiro de Almeida

SOBRE OS AUTORES:

CLEBER GIMENES FREITAS

É graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo. Leitor de Poe, Lovecraft, Wells, Doyle... Participou de algumas antologias de contos e poemas. Gosta de escrever terror (com uma pitada de humor), mas também se dedica ao universo infantil. <https://cleber-gimenesfreitas.art.blog>

ERICA RIBEIRO DE ALMEIDA

Possui formação em Canto Técnico pelo Conservatório Dramático Musical de São Miguel - Oreste Sinatra, graduação em Educação Artística e pós-graduação em História das Artes e Arte Educação. Atualmente é professora de Arte na rede municipal de São Paulo. Leitora de Neil Gaiman, Poe, Lovecraft, Stephen King e terrores afins, participou de algumas antologias de contos.

“Eu quero dar a ideia de um divertimento inocente. Há tão poucos divertimentos que não tenham algo de culpável!”
(Charles Baudelaire)

O ano era 1986, eu tinha 5 anos e morava num bairro de classe média alta, embora minha família fosse de classe baixa, aliás, baixíssima. Não tínhamos como diziam, “nenhum gato morto para puxar pelo rabo”. Minha casa era a pior da rua. Havia buracos no telhado, quase todo o reboco da parede já tinha caído, os vidros das janelas estavam quebrados, não havia muro nem portão, os canos viviam entupidos e havia sujeira, muita sujeira. Depois que meu pai foi embora, eu, minha mãe e meus irmãos fomos morar nessa casa, que pertenceu a meus avós e estava fechada desde que eles morreram. Depois de um tempo, meus irmãos mais velhos caíram no mundo, uns foram atrás de trabalho em outras bandas, outros foram para a cadeia e ficamos apenas eu e minha mãe. Minha pobre mãe e sua tosse crônica. Por ironia do destino, a casa em frente à minha era a melhor da rua. Quem por ali passava, não podia deixar de notar a sua fachada. Paredes e grades bem pintadas, revestimento de mármore na garagem e telhado impecável. Nessa casa morava Luís Miguel, que na época tinha 7 anos, personagem da história que agora vou lhe contar.

Luís Miguel era um garoto alourado, de pele extremamente clara e quando eu o vi pela primeira vez, cheguei a pensar que ele era um anjo, como o de um quadro que minha mãe certa vez me mostrou. A diferença é que no quadro o tal anjo estava chorando, enquanto Luís Miguel vivia sorrindo. “Você é um anjo?”, perguntei, do lado de fora do portão. Ele riu, pediu para eu esperar um momento, correu para dentro de casa e, alguns minutos depois, voltou trazendo o boneco do Michelangelo, a incrível Tartaruga Ninja Mutante. “Olhaaaaa!”, disse ele balançando o brinquedo. Na ânsia de querer agradar meu novo amigo, atravessei a rua e entrei em casa para encontrar algum dos meus brinquedos para mostrar-lhe também. Alguns minutos depois, voltei e, com as mãos para trás, perguntei: “Adivinha o que tenho aqui?”, em seguida mostrei-lhe um imenso e bigodudo rato morto, sacudindo-o pelo rabo. “Olhaaaaa!”, eu disse. A princípio, Luís Miguel fez uma cara de espanto, mas depois pôs-se rir incontrolavelmente. Inocente, naquele momento não percebi que seu riso era de deboche e, achando que o outro estava adorando o meu rato, também comecei a rir, até que minha mãe me chamou: “Lucinhooooo!”.

No dia seguinte, quando saí na rua, ele já me esperava, colado à grade do portão de sua casa. Me aproximei e, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele tirou das costas nada mais, nada menos que o espetacular Avião Aero Força Noturna do Comandos em Ação. “Olhaaaaaa!”, disse. Então eu pedi para que ele esperasse, corri para casa e voltei, mais rápido que o seu avião, trazendo mais um dos meus brinquedos. “Olhaaaaaa!”, eu disse, enquanto lhe mostrava um pombo enorme, sujo, cinzento e morto. Outra vez ele riu, riu muito. Mas, seu gato, um enorme angorá, que nunca saía do quintal, não gostou e, inclusive, tentou arranhar meu pé, enfiando a pata por entre as grades. “Lucinhooooo!”, outra vez minha mãe me chamou no melhor momento da brincadeira.

No terceiro dia, como de costume, Luís Miguel me aguardava e, antes de atravessar a rua eu já pude vê-lo brincando com o seu boneco do Gato Guerreiro. “Olhaaaaaa!”, disse ele quando me aproximei. “Uauuuuu!”, gritei impressionado. Mas, meu grito exagerado assustou seu gato que, pela primeira vez, saiu para a rua em disparada. Enquanto meu amigo chamava por seu bichinho de estimação desesperadamente, eu fui buscar algo em casa para lhe mostrar, como nos dias anteriores. Mas não encontrei nada, absolutamente nada de interessante. Havia umas baratas mortas no sofá, mas achei que ele não acharia graça naquilo. Saí de casa desolado, quando ouvi uma freada brusca! Imediatamente, um grupo de pessoas se aglomerou, olhando, impressionados, para o enorme gato angorá, esmagado debaixo do carro. Vendo aquilo, eu não tive dúvidas: abrindo caminho entre as pessoas, me aproximei do local do acidente, peguei o gato, fui até o portão de Luís Miguel e, balançando-o pelo rabo eu disse: “Olhaaaaaa!”, enquanto os miolos e o sangue do animal pingavam no chão. Mas dessa vez meu amigo não riu. Ao contrário, me olhou furioso e correu para dentro gritando: “Manhêêêêê!”.

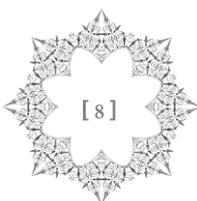
A mãe de Luís Miguel veio falar com a minha e nossa amizade, recém-iniciada, acabou ali. “Não quero ver seu filho perto do meu nunca mais!”, gritou a mulher indignada. “Tudo bem, peço desculpas.”, disse minha mãe, entre uma tossida e outra. Dois dias depois, ela parou de tossir e fui obrigado a morar com um tio alcoólatra, que adorava futebol e, quando não tinha jogo, adorava me espancar. O tempo passou, meu tio adoeceu e, conforme seus problemas de saúde aumentavam, as surras diminuía. Certo dia, eu me lembro bem, no dia em que eu completei 18 anos, o cachaceiro amanheceu morto e ele, que nunca tinha brincado comigo, tornava-se agora o meu brinquedo. Arranquei sua cabeça, joguei bola com ela no quintal e depois a emparedei, junto com o restante do corpo. Minha brincadeira jamais foi descoberta pelas autoridades. Enfim, me tornei um

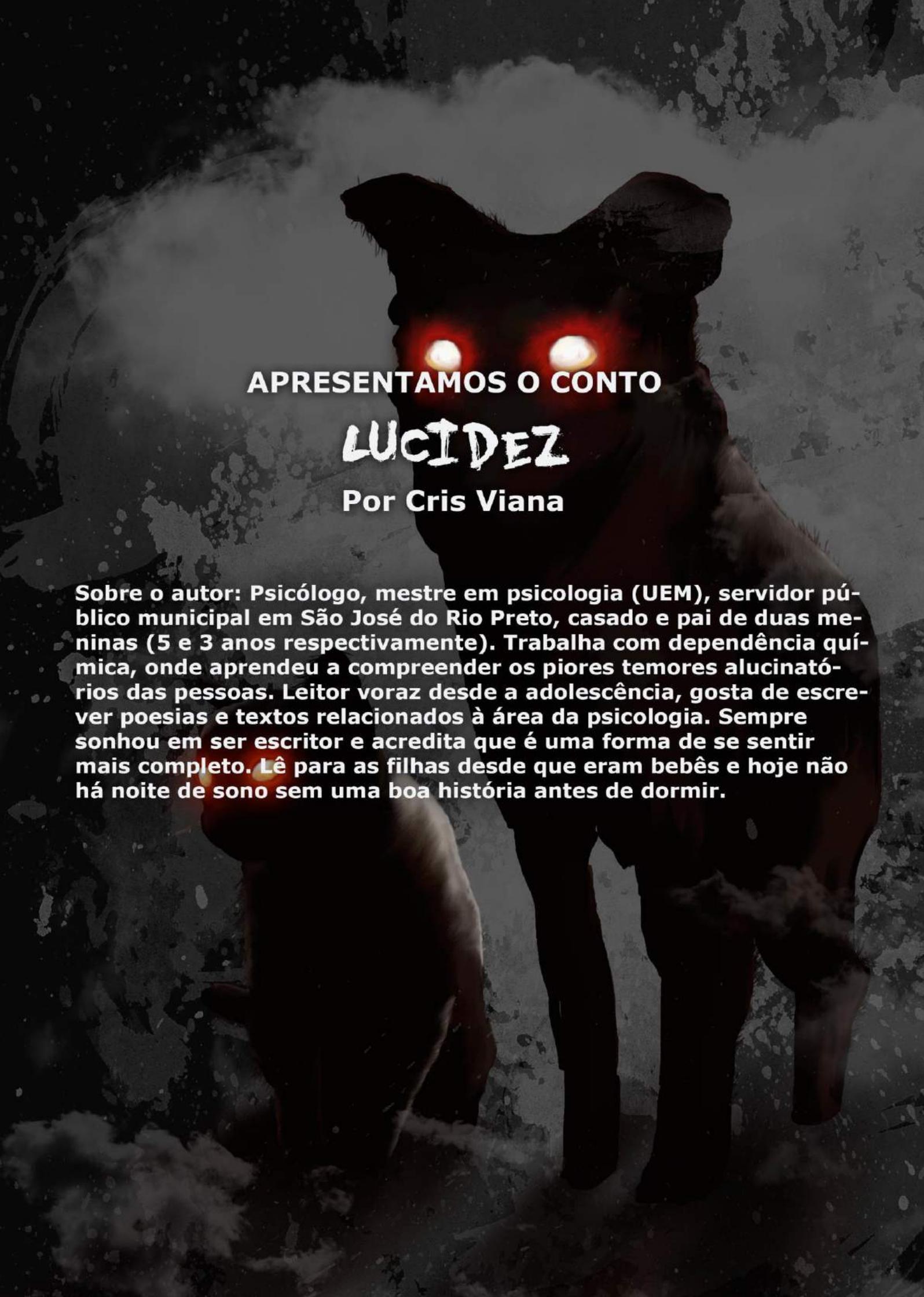
adulto e, se quando criança eu tirava da morte os meus brinquedos, também era dela que agora eu tirava o meu sustento. Fui trabalhar em um necrotério.

Como você já deve ter imaginado, sempre que eu podia, brincava com os mortos no necrotério, afinal de contas, listras num tigre não desbotam. Certo dia, chegou o corpo de uma mulher, que eu logo reconheci como sendo a mãe do meu amiguinho de infância, Luís Miguel. Aproveitando um momento em que não havia outros funcionários por perto, coleí o corpo da morta junto ao meu e valsamos loucamente ao som de uma música imaginária. Nos divertíamos muito até que a porta se abriu. Soltei o cadáver, emocionado, ao ver Luís Miguel, que acabava de entrar. Embora mais velho, ele ainda tinha os cabelos loiros e, as lágrimas que corriam de seus olhos sem parar, o deixaram ainda mais parecido com o anjo daquele quadro, que tanto me impressionou quando eu era criança. “Enfim, nos reencontramos”, eu disse, sorrindo.

Ele também me reconheceu imediatamente e, por conta da cena que tinha acabado de presenciar, dirigiu-me insultos e ameaças. “Seu monstro! Doente! O que está fazendo com a minha mãe?”. Em seguida avançou sobre mim e entramos numa inevitável luta corporal. Entre socos, empurrões e pontapés, percebi que meu oponente era mais forte, bem mais forte do que eu, então peguei um cinzel de crânio que estava em meu jaleco e cravei em sua cabeça. E assim, ali estava ele, um anjo caído aos meus pés. Ao vê-lo agonizando, fui tomado por um desejo incontrollável de arrancar-lhe o couro cabeludo e então, antes de morrer, Luís Miguel ainda me viu colocar seu escalpe ensanguentado sobre a minha cabeça, agora loira e angelical, e gritar triunfante: “Olhaaaaa”.

O resto você já sabe: os policiais me levaram, a imprensa noticiou o caso e o juiz achou por bem que nós tivéssemos essa conversa, doutor. Alguns chamam de loucura o meu jeito bem-humorado e lúdico de ser, outros me consideram um demônio. Agora me diga, doutor, que culpa tenho eu, se sou capaz de ir do céu ao inferno por uma boa brincadeira?





APRESENTAMOS O CONTO

LUCIDEZ

Por Cris Viana

Sobre o autor: Psicólogo, mestre em psicologia (UEM), servidor público municipal em São José do Rio Preto, casado e pai de duas meninas (5 e 3 anos respectivamente). Trabalha com dependência química, onde aprendeu a compreender os piores temores alucinatórios das pessoas. Leitor voraz desde a adolescência, gosta de escrever poesias e textos relacionados à área da psicologia. Sempre sonhou em ser escritor e acredita que é uma forma de se sentir mais completo. Lê para as filhas desde que eram bebês e hoje não há noite de sono sem uma boa história antes de dormir.

Não sei mais o que sentir já há algum tempo. Aliás, não me importa mais. De tanto ficar assim, já não me ocupo mais com preocupações, medos, alegrias etc. Talvez a morte faça isso com a gente. Mas só depois de muito, muito tempo. É, talvez seja isso.

Claustro de pele

Do nada eram sussurros, flashes, pensamentos aleatórios, imagens fragmentadas e sem sentido, como que ecos sem seu som original. Sequer me reconhecia como pessoa e, aliás, nem me ocupava com isso. Ainda não havia chegado à consciência minha situação. Tudo o que existia eram pedaços de realidade sem a necessidade de organizá-los. Mas não por muito tempo.

Não sei quanto durou isso mas pareceu uma eternidade. Me esforço para ganhar consciência mas tudo parece um sonho, cuja lucidez está sempre a um segundo no horizonte e sempre que chegamos perto, ele se afasta. Mas logo fui me reconhecendo, fui voltando a me experimentar, pensar que, se estava pensando, logo existia. Já havia escutado isso em algum lugar, mas parecia a muito tempo.

De súbito, como que um olhar interno, me dei conta que eu estava ali, deitado, rígido, sem poder me mover. Não deu nem tempo de digerir essa informação e logo fui inundado de memórias angustiantes, fragmentos de realidade e imaginação? Talvez ...

Estava indo para algum lugar, acho que era no trabalho. Sim, era isso! Havia ido almoçar e, não me lembro se antes ou após comer, foi quando tudo começou. Primeiro uma dor lacerante na cabeça e logo em seguida fui perdendo controle dos movimentos, tive náuseas e, por incrível, a dor era tamanha que a uma certa altura parou de doer, parou de incomodar, apenas um breve sono e já voltava a mim. — “Ufa, já tá passando. Estou bem pessoal” — pensei haver falado, tentando deixá-los mais tranquilos. E tudo se apagou. Depois me lembro de outros flashes: há um médico sobre mim, me empurrando contra o chão, apertando meu peito fortemente. Ouço vozes ou ecos, sem distinguir muita coisa: “— Adrenalina, tantas miligrama já”; Escuto um baque e um e sinto que meu peito sobe repentinamente. Tenho vontade de tossir, de vomitar com aquela pressão no meu

peito. Vejo as luzes no teto se mexendo e acho que estou em uma ambulância. Agora não distingo mais as vozes, embora eu as ouça, não sei o que dizem. Apenas vejo que estão mais calmos, não mais correndo contra o tempo. Devem ter conseguido me reanimar. Apago novamente.

Quando percebo que minha consciência voltou, vou me reapropriando da situação: o que teria acontecido comigo? Infarto, AVC? Um tiro ou pancada? Alguém queria me matar? Caraca... mas por quê? Parece que estou num hospital apesar de não escutar o barulho daqueles aparelhos nem vejo nada semelhante. Aliás, percebo agora que nem consigo me mexer. Meu olho está entreaberto e por isso consigo apenas observar o que está no meu campo de visão: uma luz que está apagada e uma parede branca. E frio. Muito frio!

Porque será que não consigo me mexer? Um AVC pode fazer isso? Ou será que foi um tiro que me deixou tetraplégico? Putz, não pode ser!!! Por mais que me esforce, não consigo sequer mexer o olho, nem para fechá-lo. Ouvei uma vez sobre uma síndrome em que a pessoa fica encarcerada em si mesma e não tem nenhuma resposta muscular, nem mesmo facial, apenas movimentos oculares. Mas nem mexer os olhos consigo. Como vou comunicar que estou consciente e vivo? E se acharem que morri e me enterrarem vivo? O pavor vai tomando forma.

Poxa.... cadê todo mundo?? O medo é uma coisa muito louca: você acha que já passou o pior pois sente-se um pouco mais calmo mas daí, do nada, a angústia volta com tudo. Onde estão os médicos? Cadê as enfermeiras?? “Calma, apenas respire e organize seus pensamentos” — digo para mim mesmo — “Logo alguém vai chegar”. Mas não chegou nem no minuto ou na hora seguinte.

Agora aqui nessa sala tudo continua estranho, frio e eu sem me movimentar porém absolutamente consciente de tudo que se passa ao redor. Cada vez que me dou conta disso o pânico volta com tudo, um desespero amedrontador de ficar assim para sempre. Como é que vou Minha nossa ... sou casado! Minha esposa e filha!! Onde estão Rita

e Sophia? De repente, o que já era pânico vira agonia e raiva. Onde estavam elas? Será que sabiam que estou bem? Quer dizer, tetraplégico mas vivo! Onde está a enfermeira?? Tento gritar mas sequer consigo mexer a boca. Não consigo nem virar o olho para ver ao redor! Como é que vou viver assim?? Sinto vontade de chorar, gritar, mas nada sai de mim neste momento!

Tento me acalmar e respirar, mas não consigo, meu peito não me ajuda. Resignado, apenas deixo passar a agonia. Ouço uma porta se abrir, a luz acender e entrar um homem baixinho com jaleco, máscara e luvas. — “Ufa, enfim o médico” — penso. Mas sem um cuidado sequer pega meu braço, que agora percebo que estava caído para o lado, o coloca junto a meu peito e começa a arrastar a maca para fora. Quando ele vira a maca em direção à porta, a inércia do movimento faz com que minha cabeça gire para o lado. Foi quando vi que haviam ali outras pessoas igualmente deitadas, completamente nuas. Ainda nem tive tempo de digerir essa informação e o baixinho joga um lençol sobre meu corpo todo, incluindo meu rosto e me arrasta para sabe-se lá para onde.

Aquela cena se embaralha com sentimentos profusos e negação intensa! Não pode ser! Vi pessoas em macas como se estivessem ... não consigo nem dizer para mim mesmo! Não posso acreditar: como se fosse pessoas mortas! Não... eu não morri! Só estou com a tal síndrome que ficamos encarcerados em nós mesmos! Como avisá-los que to vivo e lúcido?

Sentindo o carrinho andar por corredores, meu braço cai novamente para o lado e o baixinho novamente pega meu braço e o coloca sob o peito. Agora noto uma coisa que não notei na primeira vez: eu não sinto seu toque na minha pele! Sinto que meu braço se movimenta e sei que foi ele porque vi sua mão se mexendo em direção a meu braço, mas não senti seu toque. Putz, tetraplegia faz isso? Mas eu havia sentido o toque do lençol sobre mim, o contato do meu corpo com a maca, mas não senti seu toque! Estranho.

Sinto uma parada brusca e um som de porta se abrindo, quando sou empurrado novamente para dentro. Lá dentro, ouço pessoas conversando e achei o diálogo muito despreocupado pra um hospital. Preciso encontrar um jeito de me comunicar com eles. Enquanto penso isso, tiram o lençol de mim e volto enxergar com o olho entreaberto. Eles olham meu rosto e fazem piada do meu peso e do tamanho do meu membro. Fico

com ‘P’ da vida mas não posso me dar ao luxo de ficar remoendo isso. Preciso olhá-los nos olhos. Quando chegam próximo de mim começam me levantar com um lençol que percebi agora que eu estava sobre ele e me jogam sobre uma mesa de pedra sem qualquer zelo. Me viram de lado para retirar o lençol que está embaixo e é quando vejo a sala e uma mesa com instrumentos cirúrgicos grandes: alicates, tesoura, facas e o que? Tem até martelo e concha? Para que isso tudo? Quando me voltam para a posição original escuto a porta se abrir e um outro homem entra cumprimentando os demais:

— Fala pessoal, o que temos aqui?

— Boa tarde, Dr Caio — disse um dos homens na sala. Putz, tenho que me comunicar logo. O que esse médico vai fazer? — trata-se de um homem caucasiano, de 39 anos. Estava em local público e, segundo amigos disseram à família, teve uma forte e súbita dor de cabeça. Paramédicos foram chamados e ao chegarem no local já estava em parada. Tentaram reanimá-lo por 30 minutos enquanto o traziam para a emergência. Conseguiram trazê-lo duas vezes mas na terceira parada não resistiu. Faleceu às 12h45 de hoje.

Falecido? Morto? Eu morri?? Como pode ser isso?? Eu me recusava a acreditar. Eu to aqui vendo tudo e pensando. Uma onda de desespero e temor se apossa de mim novamente ao mesmo tempo se aproxima de mim o tal Dr. Caio, que está de jaleco, luvas, máscara e até *face shield*. Putz, não pode ser!! Vão me abrir! Não por favor, me ouçam!! Façam algo! Onde vocês estudaram? Não veem que estou vivo??

Tento com todas as forças me mexer, gritar, fazer com que meus olhos cheguem aos de alguém, mas sem sucesso. Aquele Dr. Caio se aproxima de mim com algo que parece um bisturi. Quando ele encosta o bisturi bem na clavícula direita começo gritar mentalmente e me debater na alma pela aflição da pele e carne sendo cortadas bem sobre o osso. Percebo que sinto o corte. Muito mais do que o toque humano que não sinto nada, mas o corte eu o sinto profundamente. Só que não é dor e sim frio. Sinto o toque do bisturi muito, muito frio, como que feito de gelo. Sinto o tal objeto cortante descer ao centro do peito pelo menos umas 3 vezes e o mesmo processo é feito no lado esquerdo. Sinto minha alma se debater, minha voz rouca na cabeça e torço que acabe tudo logo. É incrível como é a dor do frio do bisturi. O corte desce até meu umbigo ou logo abaixo, não consigo definir. Como um último lampejo de esperança, torço que vejam meu sangue pulsando, vivo e que percebam o erro, constatem que estou vivo. Mas não há sangue vivo, pulsante.

Seguem me abrindo e eu podendo sentir tudo, ver tudo sem sequer desmaiar para não ver nada daquilo.

No meio dos meus gritos mentais, ouço alguém pegando uma serra de mão e serrar algo sobre mim, talvez o peito. Putz, a dor do frio é intensa. Nem percebo terminarem e logo começam a fazer o mesmo em minha cabeça. Sinto cortando meu couro cabeludo e escuto uma serra semelhante àquele aparelho de dentista, só um pouco mais grave (tudo muito gelado) e em seguida sinto um pequeno puxão, já que o toque não sinto. Parece que colocam a mão dentro da minha cabeça, o som ali é ensurdecedor E a dor pelo toque gelado dos instrumentos é alucinante. Neste momento, escuto o tal Dr. Caio dizer que a causa provável da morte foi um aneurisma.

Eu morri! Morri e não fiz nenhuma passagem. Não vi luz alguma, nem me senti flutuando. Se eu morri, porque me sinto cansado de tanto tentar gritar? Como isso é possível? O resto são só lembranças novamente fragmentadas, mas desta vez por causa do meu torpor. Estou preso no meu corpo sem poder sair nem voltar a viver. Vivo dentro da morte, sem nada poder fazer. Lembro-me de ser levado a outro local onde outras pessoas enfiaram canos em meus braços ouvindo-os dizer que era pra tirar meu sangue. Senti mexendo no meu rosto e um cano — muito gelado — entrar por meu nariz e fazer movimentos bruscos sem nada eu poder fazer. Dá vontade de vomitar, de chorar, de morrer novamente, mas fico ali: lúcido a tudo que me cerca. Por fim, o início do meu pior desespero: fecham meus olhos e passam acho que uma cola para mantê-los assim. Não vejo mais nada (para sempre talvez). Agora apenas sons me resta. E o medo do que vem pela frente: o caixão.

Sinto que vestem algo em mim enquanto conversam sobre mais trivialidades. Que cena mais patética essa: eu, que sempre sonhei em ver minha filha crescer, trocar o carro e terminar o livro e até a garrafa de vinho que deixo pela metade, fui interrompido por uma morte besta, entre algum minuto de um dia qualquer. Morto sem poder seguir em frente ou voltar atrás.

Por fim, meu pior pesadelo. Ao me colocaram no caixão e encherem de flores com cheiro forte — sim, eu sinto cheiro — fecham o caixão. Entro em desespero. Tenho fobia de espaços fechados. Elevadores são um tormento para mim. Começo a gritar,

mentalmente me espernear, gritar por socorro, misericórdia. Recorri a Deus para me livrar daquele tormento. Prefiro qualquer tormento do inferno a ter que ficar preso dentro deste caixão pela eternidade.

Após algum tempo de intenso pavor, se estivesse vivo ao ser fechado, eu teria morrido de verdade pelo pânico do sufoco do espaço fechado. Sinto o caixão sendo erguido, ouço vozes ali fora exatamente como estivesse do lado de dentro de uma caixa. Sinto uma intensa vontade de chorar mas não consigo. Qual a finalidade deste castigo?

Após o que pareceu um trajeto de carro, sinto o caixão sendo puxado novamente e levado para algum lugar em que ouço choros. Ah, não, a pior parte. Quando abrem o caixão continuo não vendo nada, mas ouço choros, gritos. Escuto minha esposa chorando. Ah Rita, como eu queria que você soubesse que eu to aqui te ouvindo. Escuto Rita chamando Sophia para perto e parece que sinto sua angústia! Como pode uma menina de 11 anos ficar sem o pai? Nada mais importa a partir dali. O resto são lembranças que me castigam eternamente.

O que me abomina é o fechamento do caixão novamente e desta vez para sempre! Quando este momento chega eu tento gritar com todas as forças, implorar para o céu ou inferno, mas nem mesmo ouço ecos. Simplesmente o caixão é fechado e se eu já não via, agora não ouço quase nada. Quando finalmente chegam ao cemitério, escuto mais choros e rezas. Alguém conforta minha esposa, filha e minha mãe que também está ali. Meu pai já morreu e eu achei que o encontraria após a morte. Será que ele já foi para o tal outro lado ou está preso como eu? Será assim a 'vida após a morte'? Quando finalmente sinto o caixão descer à cova e escuto o último tijolo ser assentado e o som do cimento sendo passado, minhas esperanças somem de vez enquanto meu temor não tem mais espaço para crescer. Como voltar a viver? Como morrer legitimamente? Como é possível que após a morte seja isso? Não consigo pensar de tanto pavor. "Por favor, algum deus ou demônio, eu imploro!" Mas nada aconteceu por muito tempo. Tentei dormir e nem isso faço após a morte. Não durmo, não saio deste corpo, não vejo nada, não ouço nada.

Após algum tempo (quantos dias não sei) começo sentir cócegas no corpo e imagino serem os vermes se banquetando com meu corpo pútrido. Sinto um calor causticante e o cheiro insuportável sem nada poder fazer. Passam-se dias, semanas ou meses, e eu absolutamente acordado todo o tempo, sentido cada pedaço do meu corpo se desfazer. Será que se tivesse sido cremado conseguiria escapar disso? Será que é por isso que os antigos queimavam os corpos, para desprender a alma do corpo? O desespero

convive com resignação, raiva e tristeza. Mas não saio disso. Morto, mas vivo em cada segundo desta existência boçal, sem sentido ou razão

Epílogo sem fim

Não tenho mais sentimentos, ou tenho todos eles. Não importa. Tanto tempo aqui, no escuro, no calor, no odor, que nada mais importa. Chorei, surtei, xinguei deus e o diabo, mas nada muda. Não sei qual o sentido disso. Qual meu pecado? Nem desistir eu posso. Então, fico aqui. O tempo aqui é onipresente. Passam-se anos e eu neste escuro silencioso, sofrendo cada segundo desta existência miserável.

Enfim, após vários anos, ouço sons próximos. Bem próximos. Me recuso a criar expectativas, mas é inevitável. Sinto o caixão onde me encontro ser mexido e puxado. Será minha imaginação? De repente, vejo a luz. Enfim, estava sendo libertado. A luz, agora vou para diante dela, serei libertado. Meus possíveis pecados foram expiados. Estava livre. Agradei...

Mas não. A luz do dia é seguida por rostos desconhecidos. Aliás, tanto tempo sem ver pessoas que qualquer rosto deveria ser desconhecido. Se não estou finalmente sendo levado para algum lugar do além, liberto do corpo, o que estava havendo? E porque agora conseguia enxergar? Ah já não tenho pele sobre os olhos, apenas órbitas ósseas vazias. Qual o sentido de voltar a ver se nada posso fazer? Ouço também vozes e choro. Não reconheço mais nenhuma. Quanto tempo estou enterrado? Em seguida cada osso do meu corpo vai sendo tirado e colocado, pelo que posso ouvir, em um saco ao lado. Finalmente entendi: alguém da minha família deveria ter morrido e estavam desocupando o local para enterrar mais um.

Quem teria morrido? Rita, Sophia? “Ah não, por favor. Sophia não. Se for ela, que ela não sofra como eu to sofrendo”. Para quem estou pedindo? Deus ou o diabo? Por acaso algum deles existe? Qual a finalidade de ver e ouvir tudo sem saber ou poder fazer nada? Minha insignificância é imensa, porque continuar aqui? Quando por fim pegam meu

crânio, tenho a visão rodopiada por alguns breves instantes para ser ensacado num saco preto e tudo voltar a ser escuro. Sem sentir meu corpo ou o toque de quem carregou meus ossos mas podendo sentir absolutamente tudo ao redor.

Tão logo começou, acabou. Já senti pavor, raiva, tristeza, remorso, expectativa, etc etc. Não adianta sentir. Volto para o meu fim infundável, na esperança de quando o último átomo dos meus ossos de desfazer eu, enfim, seja liberto desta prisão.

Mesmo morto, sigo preso ao mundo, neste corpo decrépito. Volto para o escuro, para a eternidade sem sentido, vazia. Completamente lúcido, inteiramente morto.





APRESENTAMOS O CONTO

DUAL

Por Cristina Vergnano

Sobre o autor: Carioca, nascida em 1961, é formada em Português-Espanhol pela UERJ e doutora em Letras Neolatinas: Espanhol pela UFRJ. Com uma carreira de 35 anos no magistério público do Rio de Janeiro, 25 dos quais como docente do Instituto de Letras da UERJ, desenvolveu pesquisas em linguística aplicada sobre leitura e tecnologias digitais. Em 2019, criou o blog "Tecendo o verbo" (<https://www.tecendoverbo.com.br>), no qual se dedica à experimentação com literatura hipertextual para meio eletrônico.

Não sabia dizer há quanto tempo eu estava na estrada, nem quando exatamente havia passado pelo último vilarejo. Só tinha certeza de que precisava continuar, seguir por este mundo vazio e amplo, não encontrar ninguém. Mas meus pés doíam muito. “Maldito tênis velho!”

Sentei-me numas pedras na beira do caminho de terra, a fim de verificar o estrago. O sol subia no céu, embora não tivesse chegado ao zênite. O ar era fresco e agradável, antecipando o inverno em vias de começar. De fato, bolhas por todo o lado. Não era à toa que doía tanto, concluí após o rápido exame. Tudo parecia bem deserto por essas paragens, eu, porém, não queria correr riscos. Devia avançar; com esses pés machucados, no entanto, ia ficar bem complicado.

De repente, aguicei os ouvidos. Parecia um ruído de motor, crescendo e atrapalhando a paz isolada. Senti um calafrio percorrer a espinha. Não desejava companhia. Não, hoje! Poderia, contudo, ser providencial, dada a dificuldade de seguir andando.

Pouco depois, vi aproximar-se uma dessas caminhonetes que tanto agradam aos jovens aventureiros. Era barro puro, turvando sua pintura negra. Sob tanto pó, provavelmente, seria (ou teria sido) brilhante, pensei. Encolhi-me e esperei. Logo, o motorista, um homem grande e forte, com chapéu de palha e cara bonachona, parava ao meu lado, abria o vidro e gritava:

— Opa! Nunca ia imaginar ver alguém por essa lonjura, ainda mais a pé. Está perdido, cara, ou foi vítima de algum assalto?

— Nem uma coisa, nem outra — respondi secamente. — Estou de excursão.

— Sozinho e no meio do nada?! Tem louco pra tudo. Se você não fosse um tipo tão franzino, juro que nem parava. Sabe como é... hoje em dia, a gente vê cada coisa! Quer uma carona?

Olhei para o homem sem me decidir, depois para meus pés e, por fim, para o relógio. Então, perguntei:

— A próxima cidade fica perto?

— Nem em sonhos! Estamos em terra de ninguém. De carro, podemos chegar num arraial em umas horas. A pé, vai levar bem um dia, parando pra descansar. Quer que eu o deixe lá?

— Não. Na verdade, não. Estou empenhado nesse mergulho na natureza.

— Xi! Mais um desses *eco-amantes*! Bem, cada um com seu cada qual. O que vai ser, então?

— Um avanço na minha jornada cai bem. Acho que posso aceitar uma pequena carona para dar descanso aos meus pés.

— Certo! Pode subir. Seu nome, qual é mesmo?

— Pedro!

— Ok, Pedro. Sou André. Bem-vindo a bordo. A música incomoda você?

— Não. Tudo bem.

Seguimos assim por um trecho, escutando uma seleção de sertanejos e mantendo silêncio. Nesse meio tempo, a tarde começou a avançar, meu relógio soou uns bips e eu me impacientei. Uns minutos depois, a música parou e André começou a puxar papo.

— Está com fome? Pegue aí, no banco de trás, naquela sacola, um sanduíche e um refrigerante. Não está muito gelado, mas quem se importa? E aí, Pedro? Como é essa vida de *eco-andarilho*.

— Não sou um eco coisa nenhuma. Estou apenas passeando.

— Entendo, correndo mundo. Sei lá... Tem algo no seu olhar, uma tristeza. Não sou bom nisso. Minha namorada é que gosta dessas coisas de analisar as pessoas. Quase um vício. No seu caso, porém...

— Está curioso, suponho. Por me ver aqui sozinho, digo. Estranho ter tido coragem de parar.

— Já disse, cara, você parece do bem. Só meio esquisitão. Não sei dizer nem como. Desculpe a franqueza.

— Não levo a mal. Quer ouvir sobre mim? É isso, não é?

— Na falta de coisa melhor...

— Acredita em maldições?

— Isso é coisa pra assustar criancinha! Tem muito disso aqui na roça. Não levo fé, não. Em todo o caso, vá lá! Pode contar sua história de terror.

— Você pode duvidar, porém, o pior horário é o momento entre o dia e a noite, exatamente quando o sol despede seus últimos raios e o anoitecer começa a se insinuar. Uns acham bonito, mas, para mim, é puro tormento. Os mais aterradores entardeceres acontecem nos solstícios e nos equinócios. Nessas ocasiões, antes do momento fatídico, preciso tomar medidas extremas. Do contrário...

— Se não me engano, estamos entrando no inverno, certo?! Boa escolha a sua pra me assustar. E que tom mais fúnebre!

André deve ter percebido minha cara de desagrado com a interrupção e uma certa impaciência. Arrematou logo:

— Desculpe. Continue.

— Vivo de novo e de novo e de novo minha entrada na puberdade, quando despertou a maldição. "Bobagem", dirá você, "a adolescência é um período conturbado pra todos. Nada pode ser tão terrível de recordar." O problema é que não se trata de recordação, mas de (re)vivência.

— Êta, que a coisa está ficando boa!

— Quer ver? Vamos fazer de conta. Mas vai precisar fechar os olhos.

— Sério, cara? Estou dirigindo. Ah, tudo bem! Preciso mesmo de um descanso. Vou dar uma encostada logo ali.

Ainda não podia crer que o sujeito ficasse tão tranquilo e concordasse em parar. O mundo tem muitos perigos e nunca se sabe de onde virá o ataque. A não ser que ele também não seja o que parece. Enfim, segui com a narrativa quando estacionamos.

— Fechou os olhos? Sinta seu peito arfar e o coração golpear em seus ouvidos. Veja, sob as pálpebras, num olho, a luz cegante do derradeiro raio solar; no outro, a escuridão sufocante. Agora, tente se mover. Você não pode! Consegue, contudo, ouvir um som; primeiro, estridente, depois, profundo como a morte. Acompanha-o uma dor vinda das entranhas que não se pode descrever.

"Num estertor, seus olhos se abrem. Você quer fechá-los novamente: não é capaz. Lá, diante de si, está o outro você. Igual, porém distinto, horripilante. Saiu de sua própria carne. Tem fome e sede, cruéis e ávidas.

Seu outro eu vê a mulher que o criou aproximar-se assustada. Paralisa-a e lhe sorve toda a vida, lenta e dolorosamente. Enquanto isso, seu verdadeiro ser, tudo presencia impotente, paralisado também.

Saciado, você (o outro) se esvai, deixando uma sensação de imundície no seu corpo e alma. Seus ouvidos ouvem a risada dele; sua língua prova o sabor amargo da vida roubada. De novo uno, você pode se mover, se aproximar da vítima e chorar a sina de ambos.

Consegue compreender? Pode sentir?"

— Homem, que viagem! Se eu acreditasse em monstros fantásticos, largaria você aqui agora mesmo. Mas a vida é mais real do que isso, certo?!

— Deve ser... Bem, eu fico por aqui — disse, já descendo da caminhonete. — Pode ir. Agradeço o adianto.

— Tá doido, meu camarada? Eu estava de gozação sobre deixar você aqui. Está quase anoitecendo! Vai fazer um frio de rachar. E não tem nada neste lugar, só essa solidão — falou, saindo do carro.

— Não se preocupe. Vou ficar bem.

— Olha, cara, você é quem sabe. Eu é que não vou ficar por aqui de companhia. Tome: pegue este sanduíche e esta garrafa d'água.

— Obrigado.

— Você acha mesmo que esse cobertorzinho que tem aí enrolado nas costas e os troços dessa mochila vão dar conta do frio da noite?

— Estou acostumado. Não se incomode. E o lanche e a água já são grande ajuda. Pode ir.

— A gente vê cada uma!!!!

Já entrando no carro, se volta e pergunta:

— Ah, e a história? Como termina?

— Termina? Quem disse que tem fim? Ao menos quatro vezes por ano, este *eu* estará plenamente cindido, entre o pavor paralisante e a fome insaciável, buscando novas vítimas, sem a capacidade de o conter; se conter. Assim será até que a maldição, por fim, me devore e me traga a paz.

— Sinistro! Ou você é muito pirado, ou andou consumindo algum bagulho, ou tem muito talento e deveria escrever roteiros pra filmes de terror. Bem, fique com Deus!

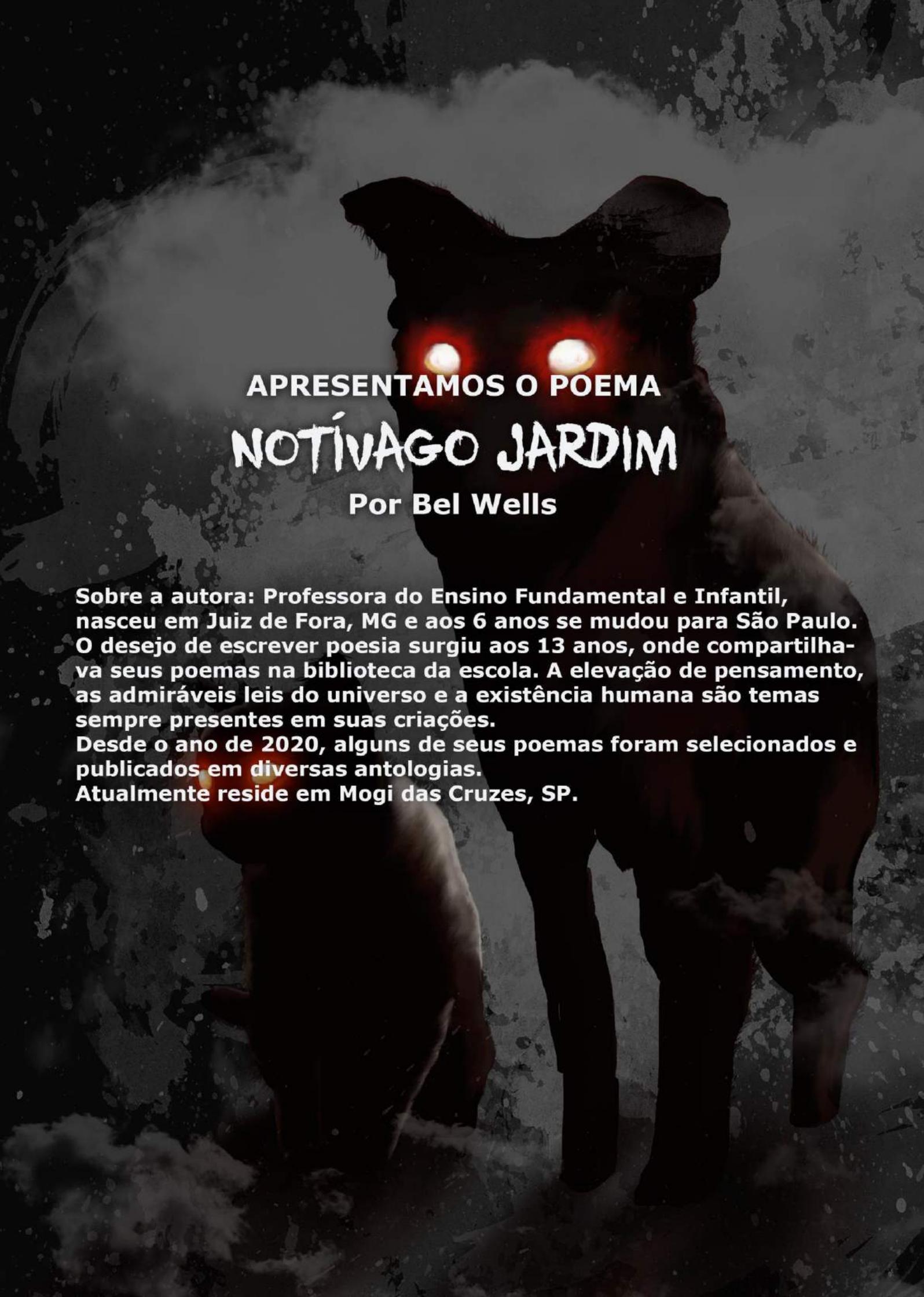
— Sim... com Deus...

A caminhonete se afastou, deixando atrás um rastro de poeira barrenta. Era quase impossível, porém, ver as cores ou os detalhes. Meu relógio soou seu *bip* estridente de novo. Olhei assustado o mostrador. 21 de junho! Entardecia. Fui tomado por uma dor lancinante vinda de dentro para fora. Curvei-me num espasmo. Já não podia mover-me e não estava mais só.

No momento seguinte, caiu aos meus pés, estraçalhada, uma coruja que esvoaçou entre nós. Antes de ver meu outro eu em corrida desabalada pelo caminho, entre gargalhadas insanas e gritos, ainda consegui pensar. “André já vai longe. Desta vez você não o alcança! Terá que buscar outra forma de saciar sua fome, ou...” Ao longe, diminutos,

reflexos vermelhos de lanternas moviam-se pela estradinha tortuosa, envoltos em poeira e seguidos pela morte que eu não podia segurar.





APRESENTAMOS O POEMA
NOTÍVAGO JARDIM

Por Bel Wells

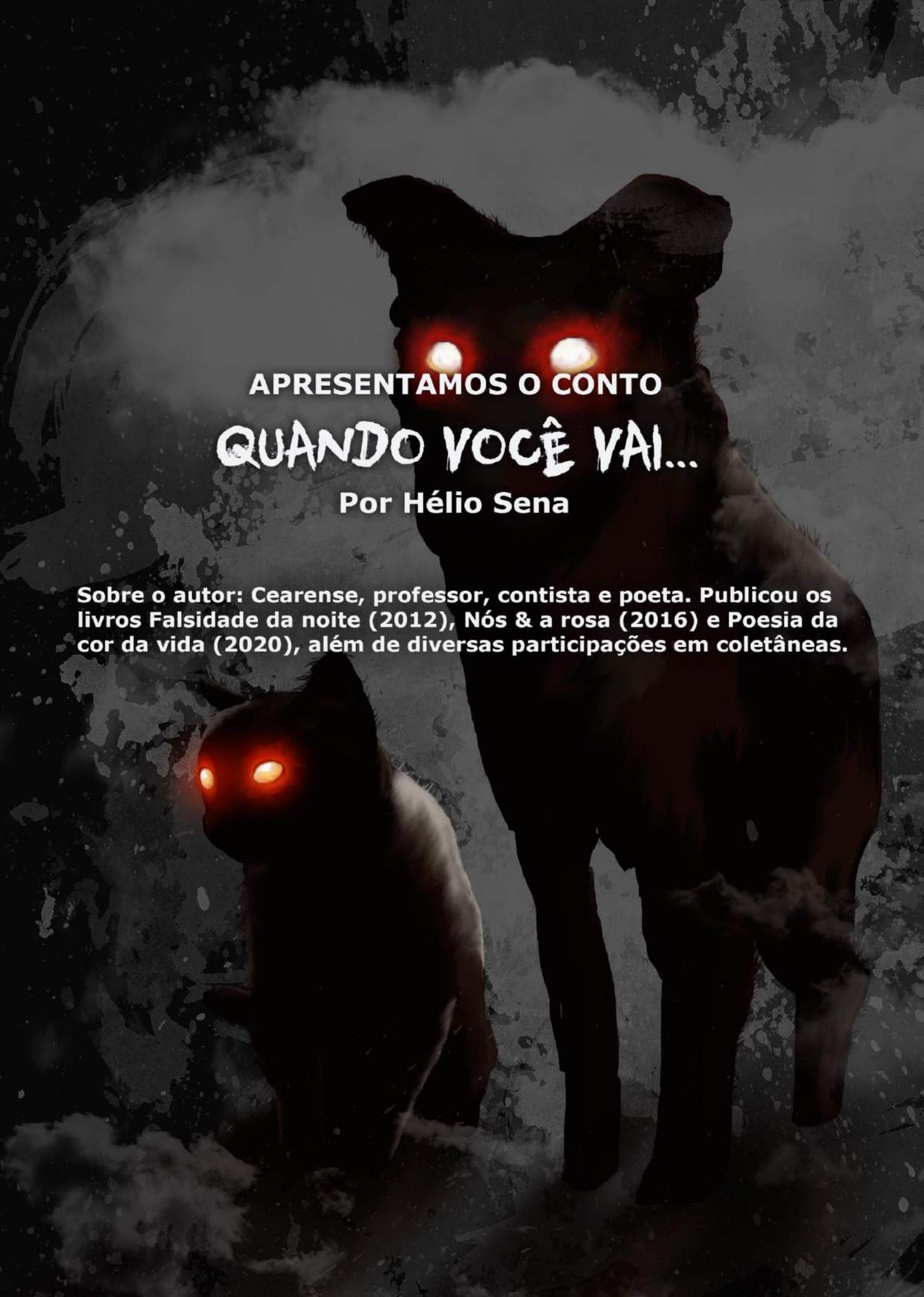
Sobre a autora: Professora do Ensino Fundamental e Infantil, nasceu em Juiz de Fora, MG e aos 6 anos se mudou para São Paulo. O desejo de escrever poesia surgiu aos 13 anos, onde compartilhava seus poemas na biblioteca da escola. A elevação de pensamento, as admiráveis leis do universo e a existência humana são temas sempre presentes em suas criações.

Desde o ano de 2020, alguns de seus poemas foram selecionados e publicados em diversas antologias.

Atualmente reside em Mogi das Cruzes, SP.

Existe um lugar sinistro, onde o mal é encantador
Não passe por ele nos fins de semana, pois lá foi plantado o terror
Não o encare durante o dia, nem na hora do sol se por
Não pense nele e adormeça, para que o mal em ti não floresça
Mesmo que tudo pareça morto, não está, nunca se esqueça
Até mesmo o vento mente, para por ele não passar
Só criaturas dementes, conseguem apreciar
Lá enterram os dentes, de quem vão atormentar.
Jardim secreto, nunca bucólico, sempre inquieto
Exala temor, contagia de horror, não chegue mais perto
Notívago jardim! Diz a placa escrita
Como um suicídio melancólico, sua névoa grita.
Não se aproximes desta perturbação presente
Ou sinta gelar o sangue e o ferver de sua mente
O Jardim nunca blefa, ser mórbido lhe faz feliz
Bruxas, mortos vivos e lobisomens, bebem em seu chafariz
Notívago jardim, até suas plantas são virais e assassinas
Psicopatas sociais, dormem em seus bancos
Reduto do medo, usuários do mal, espalhadores de pranto.
Ele fica próximo a sua casa, na esquina de teus temores
Em teu pensamento imaginário, onde não há luz, nem flores!





APRESENTAMOS O CONTO
QUANDO VOCÊ VAI...

Por Hélio Sena

Sobre o autor: Cearense, professor, contista e poeta. Publicou os livros Falsidade da noite (2012), Nós & a rosa (2016) e Poesia da cor da vida (2020), além de diversas participações em coletâneas.

“**O**s gritos parecem vir das profundezas do inferno!”, gritou Lúcio, segurando a cabeça entre as mãos, os olhos esbugalhados, os pelos dos braços completamente eriçados.

Martinha quis abraçá-lo, mas ele a repeliu com a força de mil demônios, e a pobre se estatelou toda no assoalho, machucando a testa, que começou a sangrar.

Alucinado, Lúcio correu para a porta da rua e Martinha o viu desaparecer para os perigos da escuridão daquela sexta-feira maldita, não 13, mas 6 de abril, a pior de todas.

“Lúcio, por favor, não vá!”, gritou a moça, desfalecendo seguida... ao mesmo tempo em que se via a caminhar por uma floresta tenebrosa, sozinha, na mais tenra idade...

Lúcio foi e nunca mais retornou. Martinha morreu esperando pelo marido. Quando ele se foi, ela tinha 18 anos. Viveu até os números inverterem a posição, com 81. ´

Desde aquela noite, falou muito pouco. Na adolescência, a filha única, Luciana, insistentemente procurava obter explicações para aquele passado obscuro de sua família, mas, aos poucos, foi deixando de procurar respostas, acatando o mistério das coisas, a tortura, a dor.

Quando a mãe morreu, Luciana encontrou, por acaso, umas anotações em uma velha caderneta, nas velharias do porão.

Eram anotações estranhas, tanto pelo teor quanto pela letra, que ia mudando, como se alguém tivesse começado a escrevê-las ainda criança, e continuado, com o passar dos anos, até a idade adulta.

Lá, estava escrito o seguinte:

- 1. Hoje é dia 6 de abril e completo sete anos, mas não estou feliz.*
- 2. Acho que minha mãe não me ama, e meu pai é um bêbado que diz palavrão e cospe no chão da sala.*

3. Uma amiga da minha mãe, que usa muitos anéis e brincos e roupas coloridas, disse para ela que sou filho de Lúcifer.

4. Essa amiga da minha mãe falou muitas outras coisas estranhas que eu não consigo compreender.

5. Desde que me lembro, ouço estas vozes; minha cabeça qualquer dia vai explodir.

6. Minha esposa é o grande amor da minha vida; o meu refúgio; quando estou com ela, as vozes não cessam, mas sussurram, apenas.

7. Temo por minha filha, pela herança maldita que, sem querer, posso legar para ela.

8. Qualquer noite dessas, eu... eu... eu vou...

Luciana leu aquilo tudo com o coração oprimido e as lágrimas escorrendo pela face. Aquela seria a letra de seu pai? Mas o que significavam tais palavras? As vozes? A herança? E quem seria a mulher usando anéis e brincos e roupas coloridas?

Luciana guardou a caderneta, e nos dias subsequentes releu muitas vezes aquelas anotações, novamente à procura de uma pista para a compreensão do mistério que envolvia sua família e seu destino neste mundo desgraçado.

Um dia, saiu para o trabalho e esqueceu a caderneta na mesinha da sala. Desavisada, a empregada jogou-a fora junto com o lixo.

Luciana ficou furiosa e despediu a mulher. Desde então, não contratou mais ninguém para cuidar do pequeno apartamento onde morava.

A repartição pública onde ela trabalhava como arquivista ficava a apenas duas quadras do seu endereço. Às 11, Luciana saía do trabalho e retornava meio dia e meia. Nesse intervalo, esquentava a comida que ela mesma preparava, de manhãzinha, antes de sair, e via um pouco do noticiário. Raramente tirava um cochilo.

Numa dessas vezes, teve um sonho esquisito...

Foi assim: viu-se com 11 anos de idade, correndo de pés descalços por uma linda floresta coberta de cedros e pés de pau-brasil. Logo atrás, vinham seus pais, de mãos

dadas e sorridentes. De repente, a cena mudava de configuração. Via-se ainda menina a correr pela floresta, mas agora de mãos e pés sujos; seus pais haviam desaparecido, e estranhas vozes e gargalhadas estridentes saíam das árvores.

“Luciana, por favor, não vá!”, diziam algumas árvores; e outras falavam: “Pode ir, querida, pode ir... Por que não?”

Luciana despertou, ofegante, e saiu correndo para o trabalho.

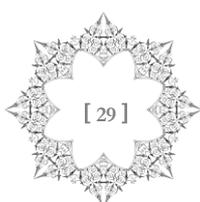
Nunca mais aquele sonho se repetiu. Luciana tentou não pensar mais nele. Já tinha aflições e tormentos demais.

Luciana morreu aos 66 anos de idade, aposentada e só.

Morreu enquanto dormia. Era um sábado, 18 de março.

No dia seguinte, um decreto do governo intensificou as medidas de restrição, vedando o funcionamento de serviços não essenciais, por causa do vírus mortal que se alastrava pelo mundo afora...

Ao contrário da floresta tenebrosa dos antepassados de Luciana, onde, agora, reinava a mais absoluta paz.





APRESENTAMOS O CONTO
VESTIDA PARA MATAR

Por M. Braz

Sobre a autora: Paulista, mas carioca por adoção, cursou medicina, optando pela saúde mental. Inquieta, sempre manteve aberta outras opções. Escreveu dezenas de artigos e capítulos de livros dedicados à psicanálise e ética. Doutora em Ciências, professorou e pesquisou nessas áreas, mas seu amor pela literatura nunca foi deixado de lado. Leitora de romances, poesias e contos,, hoje, dedicada aos escritos de contos e com romance em produção.

Comprei um apartamento totalmente mobiliado. A inquilina do proprietário anterior havia desaparecido, misteriosamente, fazia um ano. O proprietário chegou a dar queixa na delegacia para poder ter acesso ao imóvel. A inquilina levava, apenas, os seus objetos pessoais. O apartamento estava bem decorado e como acabara de chegar do exterior, onde fiquei por um ano, achei que tudo nele era perfeito, disse isso na imobiliária.

Já acomodada, me dirigi ao colchão e o levantei. Lá se escondia o mistério em torno do sumiço da inquilina. Algumas páginas escritas onde contava o seguinte:

“Quem encontrar este manuscrito poderá ficar espantado com a minha narrativa, mas já estarei bem longe, fora do alcance policial. O objetivo de escrever deve-se à vaidade. Você faz algo que a maioria é incapaz de fazer e depois ninguém fica sabendo? Qual a vantagem de esconder algo extraordinário, se há certeza da impunidade? No momento, penso no prazer que sinto ao prenunciar a reação de horror e desejo na pessoa ao ler este relato. Então começo.

Estava numa boate sozinha. Gostava de ir à caça sem testemunhas. Encostada no balcão do bar, tinha uma visão ampla do recinto e, ao mesmo tempo, ao meu redor, muitos rapazes me rodeavam com o mesmo interesse. Uma mulher desacompanhada atrairia os homens facilmente. Eles adoram se chegar oferecendo companhia, como se fosse obrigatório. Eu era uma isca bem atraente. Muitos se aproximaram, mas havia um em especial, pela beleza do seu todo, saboreando devagar um drink, parecendo não me notar. Fixei meus olhos azuis artificiais até que ele se sentisse olhado. Fitou-me e eu sustentei o olhar. Aproximou-se, me tirou para dançar. Puxou-me para bem junto do seu corpo. Deixei e provoquei-o até sentir seu entusiasmo crescer. Nos beijamos. Convidou para ir a um hotel. Disse-lhe que preferia meu apartamento.

Fomos no meu carro e durante o trajeto ele foi acariciando meu corpo. Era um mestre no uso das mãos. Fomos entrando, nos agarrando em feroz voracidade. Prédio antigo, sem porteiro e sem câmara.

Mal deu tempo de chegar e ele foi arrancando minha roupa.

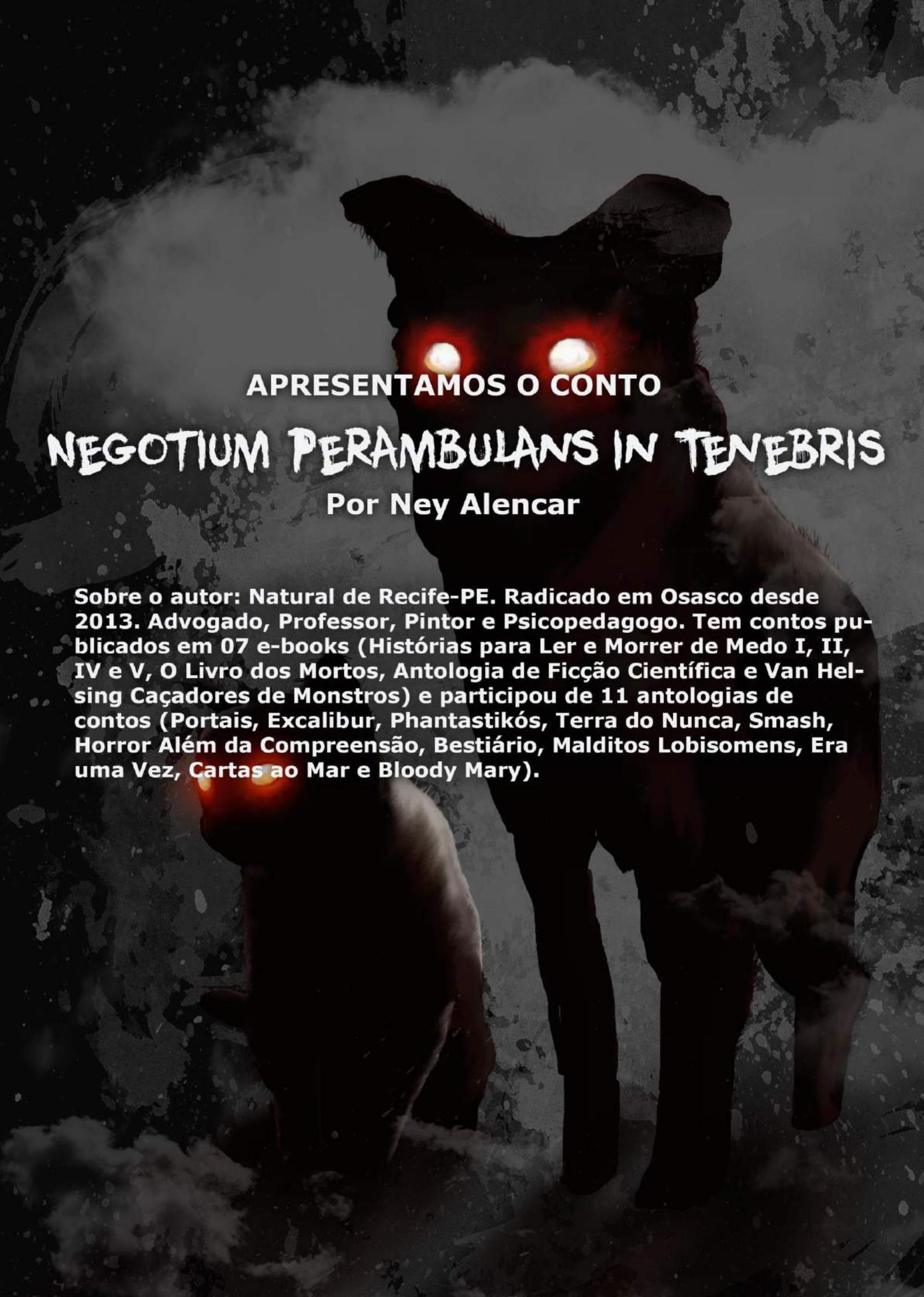
Olhava-o numa mistura de desejo e desprezo, mas seu tesão o impedia de ver a exata expressão do meu rosto. Atirei-o na cama, peguei as cordas na gaveta e o amarrei rindo. A consciência do quanto minha ação era excitante, me deixava mais ousada. Com a venda tapei seus olhos. Olhei para aquele belo corpo ali deitado, desnudo, potente, pleno de desejo. Cavalguei sobre ele, atingi meu clímax, mas não o deixei ir até o fim. Um saco

plástico já estava a postos. Coloquei sua cabeça dentro e com outra corda comecei a sufocá-lo. De novo, permiti que sua virilidade me penetrasse e, ao mesmo tempo, apertava o nó. Ele ali rendido, em êxtase profundo. Amarrei um pedaço da corda do pescoço na cabeceira da cama e com a outra mão, apertava e soltava. Vendo que ele pouco resistiria, lancei mão de um vidro com ácido e joguei sobre sua potência. Ele, abafadamente, urrou de dor. Mais um pouco sobre o umbigo - se contorceu de um lado para o outro. Acabei por despejar o resto nos mamilos. Ele desmaiou ou morreu? Apertei então a corda bem forte até vê-lo estremecer e espernear como uma galinha com pescoço quebrado. Depois ficou imóvel. Morto. Levei-o para a banheira e com o galão de ácido que peguei da cozinha, esparramei com gosto sobre aquele corpo que me dera prazer. Toda sua carne foi consumida, restando apenas os ossos. Embrulhei, joguei num saco e coloquei numa cômoda. Um pequeno caminhão de mudança o levou para um sítio que aluguei. Despachei junto um armário e uma mesa para disfarçar. Lá, longe da vista de todos, retirei os ossos e os atirei num poço velho.

Se vocês descobrirem o sítio, lá encontrarão outras ossadas. Ah! Sim! Fui chamada para depor porque o barman me viu saindo com o rapaz. Mas quem desconfiaria de uma bela mulher vestida para matar?"

Acabei a leitura, ao mesmo tempo, terrorífica e excitante e um desejo incontornável tomou posse do meu corpo. Sem problema, afinal, quem desconfiará de uma linda mulher bem sucedida de olhos castanhos?





APRESENTAMOS O CONTO

NEGOTIUM PERAMBULANS IN TENEBRIS

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

1698, Istmo de Darién.

A inclemente e selvagem floresta espalhava-se proibitiva ao redor deles! Suas árvores gigantescas, de um verde tão esmeraldino que chegava a ser negro, tapavam toda a luz do sol, exceto por retalhos aqui e acolá.

O caldeirão de umidade e calor cozinhava a mata em um fogo lento e voraz.

Uma súbita chuva forte começou a cair.

O velho índio Coclé levantou a mão e o restante do grupo parou.

Muito adiante pela escuridão da tarde da mata veio um som cavo e rouco, prolongado como um chamado distante.

O índio voltou-se para o explorador Paterson atrás de si com medo no rosto:

— Precisamos chegar antes da noite! — falou o índio em um inglês pobre.

O explorador o olhou sem entender.

O que haveria ali que o velho índio temesse tanto? Era apenas floresta!

Apressaram o passo em direção ao Forte Santo André.

Esta expedição irlandesa ia de mal a pior, já haviam perdido dezenas de colonos para a febre e a doença que campeava pela mata, a comida escasseava e todas as outras tribos indígenas, salvo os Coclé, eram seus inimigos.

Paterson limpou o suor da testa, a tentativa de alcançar o outro lado do maciço de Darién havia falhado, não conseguiram romper a barreira da floresta!

Agora só podiam retornar de onde vieram, mas até isso lhes era negado pela mata!

Os dedos espinhosos e brutos de uma centena de arbustos e plantas baixas lanhavam seus braços e pernas, cortando suas roupas.

O cadáver de uma árvore ciclópica os obrigou a mudar de caminho.

Não conseguiram, a noite os alcançou no meio da mata fechada.

A escuridão que os envolvia era tenebrosa e sufocante, uma máscara negra de horror que não os deixava sequer respirar nem mesmo andar.

Não conseguiam ver nada à sua frente.

Escolheram uma pequena clareira de quatro pés de largura e ali o velho índio acendeu uma fogueira contra sua vontade, os irlandeses queriam luz e calor, mas ele sabia o quanto era perigoso fazer isso ali.

Os exploradores se reuniram ao seu redor, tentando escapar daquela escuridão que parecia viva e teimava em engoli-los caso se afastassem muito.

No retalho de céu que podiam ver uma miríade de estrelas brilhavam sob a abóbada violeta do céu noturno, fazendo círculos concêntricos ao redor da lua cheia, luminosa!

A sombra de uma harpia caçando macacos passou rápida, eclipsando as estrelas!

O jovem Mackay parecia o mais calmo de todos, fazia desenhos em seu caderno de anotações e contava as folhas das árvores desconhecidas que pegara pelo caminho.

O doutor Vetch, cientista botânico do grupo, levantou-se e andando ao redor da fogueira numa tentativa vã de se secar perguntou ao índio:

— Hoyo, porque você tem tanto medo deste lugar?

O velho índio olhou para as trevas que o cercavam e gaguejou:

— Ikkotl!

— O que é isso? — perguntou Paterson curioso mastigando um pouco de carne seca e emaciada de paca, caçada durante a exploração.

— As lendas antigas falam que quando estas terras saíram do mar muito tempo atrás algo veio das profundezas, era Ikkotl, o que anda nas trevas! — contou o velho índio em um inglês truncado — Ele veio dentro das montanhas que nasceram do mar, escondido dentro das cavernas fundas, mau e faminto! Falam que de tempos em tempos ele se arrasta para fora das cavernas para andar pelo chão da mata e caçar qualquer coisa viva! Ele vem nos dias quentes quando os rios de dentro da terra secam e as passagens ficam abertas!

Hamilton, um louro alto com o rosto cheio de sardas riu quebrando o silêncio.

— É só uma lenda local, Paterson! Não existe tal coisa.

— Ah, ele existe sim! — disse o índio contestando.

— Você já o viu, velho? — perguntou Hamilton bem sério.

O velho índio balançou negativamente a cabeça e disse com a voz amedrontada:

— Ninguém que encontra Ikkotl vive! Ele devora tudo!

Os outros ficaram em silêncio.

Súbito um barulho oco veio das trevas além! Era como um ronco seco.

O velho índio olhou para além de Paterson e viu as trevas da mata se movendo como se estivessem vivas!

As árvores pareciam mais próximas e se moviam, foi então que percebeu que algo se aproximava por entre os troncos, afastando-os enquanto passava.

O velho índio viu aquilo se aproximando, deixando as trevas e saindo para a luz bruxuleante da fogueira.

Era como uma miríade negra de bolhas ou tentáculos sem cabeça ou corpo definido, deslizando pelo chão da mata na direção deles, como um polvo que já vira preso nas redes dos pescadores, mas movendo pela terra seca, e junto com ele vinha um odor nauseabundo, de corrupção e decadência rançosos!

Uma presença tenebrosa, demoníaca, que consumia a luz da fogueira sem refleti-la, como se a devorasse.

— Ikakot!! — gritou o índio apontando aterrorizado para a coisa semovente.

À medida que avançava a coisa levantava uma parte do corpanzil disforme como se fosse dar um bote, o que fez subitamente, pegando Paterson de surpresa.

O homem sequer conseguiu dar um suspiro, foi completamente engolfado por aquela monstruosidade.

O jovem Mackay gritou agoniado, desesperado, e com alguns passos sumiu pela mata, nunca mais foi visto!

Hamilton e Byres dispararam contra a criatura, mas suas balas penetrando naquela carne imaterial como se fosse mera lama primordial nada causaram.

Sacaram de suas espadas e investiram contra a criatura, suas lâminas abriam grandes talhos pelo corpo dela, mas estes logo se fechavam sem que a coisa sangrasse ou desse qualquer mostra de sentir os ferimentos. Sequer diminuiu sua velocidade.

Um longo tentáculo distendeu-se e enrolou-se pelo braço de Byres que gritou em agonia, mas foi puxado inexoravelmente para dentro daquela massa informe que já havia consumido completamente Paterson.

Hamilton foi o próximo a ser pego quando tentou libertar Byres, suas mãos afundaram naquela matéria pegajosa e esbranquiçada, quase transparente, que mimetizava a escuridão e aos poucos ele foi tragado por aquele pesadelo hediondo.

Os gritos de Hamilton se transformaram em gemidos e afinal cessaram quando aquilo o abraçou e emitiu barulhos horrendos de sucção e mastigação.

Restavam apenas Vetch e o velho índio!

Olhando a criatura abantesma que erguia-se à sua frente Vetch soltou um grito de horror e as palavras naquele grito traduziram tudo o que sentia:

— *Negotium Pelambulans in Tenebris!*

A coisa voltou-se para ele e antes que pudesse se mover foi engolfado por aquela escuridão viva!

O velho índio voltou-se e correu, embrenhando-se na mata escura.

Aquilo deitou-se sobre a fogueira, consumindo as chamas e apagando-as com sua escuridão imaterial.

Depois mesclando-se à escuridão que voltava a reinar, soberana incontestemente naquela parte da mata voltou o que parecia ser um único e gigantesco olho cuja pupila era vermelha como o sangue dos homens que devorara, abriu uma de suas múltiplas bocas e soltou um grito imemorial, áspero e selvagem pela noite!





APRESENTAMOS O CONTO

○ COME-GENTE

Por Ney Alencar

Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 07 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV e V, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica e Van Helsing Caçadores de Monstros) e participou de 11 antologias de contos (Portais, Excalibur, Phantastikós, Terra do Nunca, Smash, Horror Além da Compreensão, Bestiário, Malditos Lobisomens, Era uma Vez, Cartas ao Mar e Bloody Mary).

“Do ventre da mata
Da noite da floresta,
Vem o Abaporu beijudo
Vem o Come-Gente banguela!”

Cantiga do Abaporu

Ele veio da mata!
Faminto!
Na mata não havia mais homens.

Os índios fugiram, morreram e os brancos lá não iam mais.

Entrou na cidade como um vento.

Redemoinhando frio pelos paralelepípedos das ruas de um bairro afastado.

Veio vindo como cantiga de roda, seguindo o cheiro do homem!

Arranhou portas, unhou janelas, queria entrar!

Debruçou-se pelos peitorais, apreciando aqueles tesouros de carne adormecida.

Invadiu quintais e se assenhorou das esquinas, dono do medo!

Nas horas mortas caminhou pelas ruas desertas procurando almas.

Seus passos gingados ecoavam como um ruído arrastado pelo calçamento, espantando os cães vadios e fazendo calar as aves noturnas.

Até os morcegos, famintos pelas frutas maduras, evitavam voar quando ele passava.

Era retalho de fome!

Era pedaço de maldade!

Era bocado de barbaria!

Agora a cidade era dele também!

Sua silhueta meio visível, meio invisível bamboleava famélica, cobiçosa de carne!

A madrugada corria pelo meio quando ouviu o toc-toc dos saltos de um sapato quebrando o silêncio amedrontado.

Parou, na antecipação do banquete e esperou!

Rosanira veio caminhando despreocupada.

Voltava do baile da igreja, atrasara-se namorando com um rapaz mais galante, de mãos grandes.

Sorrira lembrando-se!

O vinho quente servira para espantar o frio que vinha pela madrugada.

Deixava a cabeça tonta, sonhadora.

Devagar deu-se conta da calma que assenhorava a rua ao seu redor, nem cachorro latia.

Não gostava de lugar assim.

Quando pequenina, quando ainda vivia na aldeia com os pais e a avó tinha medo de noites assim tão quietas.

A avó lhe contara tantas histórias, da mula-sem-cabeça, do saci, do curupira, do anhangá e outras tantas assombrações da mata que ela nem se lembrava mais.

Depois que a avó morrera os pais vieram para a cidade, já não era a mesma coisa.

Não cidade não tinha assombrações, tinha homens malvados, estes sim eram perigosos!

Quando dobrou uma esquina viu um vulto que vinha pelo canto da calçada, misturado na sombra.

Um arrepio a fez ficar mais alerta.

Era raro encontrar alguém por ali àquela hora da madrugada.

Colocou a mão na bolsa e tocou a lâmina fria de uma faca pequena que trazia para se proteger.

Continuou andando, não se desviou de seu caminho.

O vulto veio vindo, sempre na sua direção.

Quando o vulto chegou mais perto ela viu que era um homem ou a silhueta de um homem, mas cobrindo a cabeça usava uma caixa de papelão velha.

Olhos desenhados de tinta preta na superfície da caixa.

Boca um retângulo distorcido apenas.

Ela parou, ficou estática, as pernas pesavam como chumbo, não conseguia sair do lugar.

Aqueles olhos pintados à prendiam, mesmerizavam-na ao chão cru.

O vulto veio até ela gingando como se dançasse.

Quando parou à sua frente ela pode sentir aqueles olhos pintados olhando para ela como se fossem vivos.

Uma selvajaria e ferocidade indizíveis brotavam deles!

Largou a pequena faca.

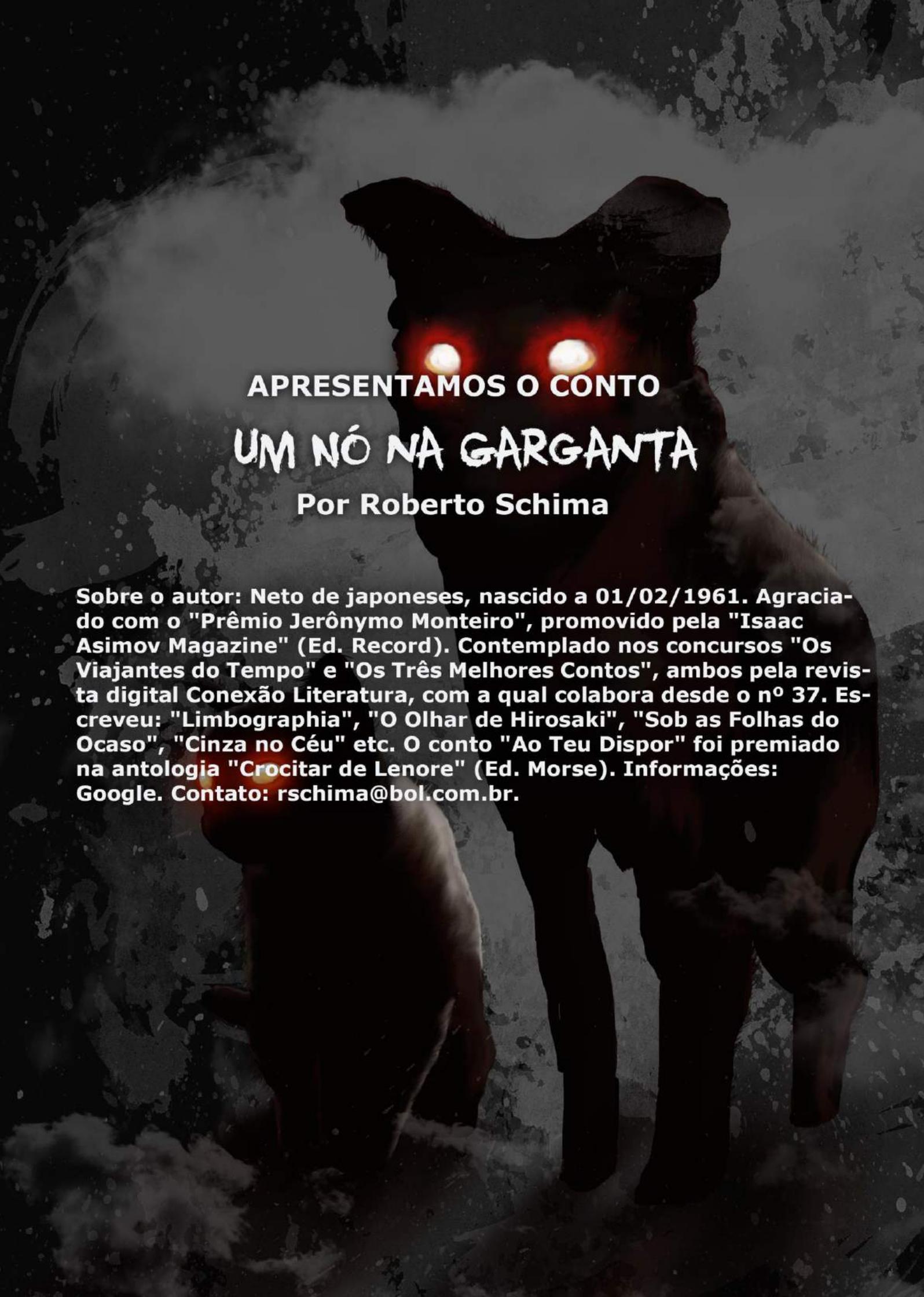
Aquilo não era homem, era assombração! Contra ela essas coisas não funcionavam.

Levantou as mãos e pegou na caixa, o papelão parecia úmido, quente como pele de rosto humano.

Tirou a caixa, descobrindo aquela face blasfema e gritou!

Não havia cabeça por baixo da caixa, apenas olhos pintados e boca distorcida!
Pairavam fantasmagóricos no espaço vazio à sua frente.
Vivos naquele rosto de uma cor invisível! Horrível!
Viu com horror crescente aqueles lábios pretos abrirem-se em um sorriso lúbrico.
Povoado de dentes brutais, sedentos, gulosos!
Ela gritou, ninguém a ouviu!
Antes de comer sua língua ele lhe segredou seu nome:
Aboporu!





APRESENTAMOS O CONTO
UM NÓ NA GARGANTA

Por Roberto Schima

Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br.

Ele sentia um nó na garganta.

A princípio, fora um alívio avistar aquela gruta em meio à vegetação densa. O criminoso, apelidado Biribinha, descobrira-a por acaso, enquanto corria pela floresta, depois que batera com o carro durante a fuga. Felizmente, usava o cinto de segurança. Nada como respeitar a lei...

Os policiais estavam em seu encaço e sua maior vantagem fora encontrar-se em melhor forma física do que aqueles balofos. Felizmente, não tinham cães farejadores. Mas sabia que, cedo ou tarde, mandariam trazer.

Metera-se pela fenda na rocha, entortando uns arbustos para melhor ocultá-la.

"*Não matarás!*", ensinara Madre Georgete na escola em que, quando garoto, estudara.

Agora, na segurança da escuridão, seu peito queimava pela falta de ar, porém, esforçou-se por inspirar lentamente e sem barulho. Era difícil, o corpo inteiro reclamava. Mas ele dominou-se. Afinal, enquanto arrombador de cofres, autocontrole era tudo, caso não quisesse, literalmente, explodir.

A tarde estava quente lá fora e ele suava feito um porco no espeto. Suas roupas rasgaram-se no caminho. Sangrava nos braços e nas pernas devido às feridas provocadas por espinhos e galhos partidos.

"Fôlego, preciso de fôlego!"

Era difícil respirar controladamente. Suas células não imploravam, *exigiam* oxigênio. O corpo continuava tenso pela adrenalina e o coração dava pancadas dentro do peito.

"Acalme-se! Tudo vai ficar bem, tudo vai ficar bem", pensou. Então, outro pensamento sobrepôs-se ao anterior e ele gritou para si. "Deu tudo errado!... Tudo!"

Biribinha e seus comparsas não contavam com o vigia noturno que os surpreendera.

No confronto que se seguira, o homem fora morto e eles fugiram na mais completa desordem, cada um seguindo um caminho. "Cada um por si e Deus por todos." Não, Deus não tivera nada a ver com aquilo.

Um arrombador.

Um criminoso.

Um assassino.

O que diria a religiosa se o visse hoje?

"Um desviado do caminho, é o que Madre Georgete diria. Sou um pau nascido torto, irmã... Ufa! A polícia me perseguiu a noite inteira", queixou-se, sentando em uma saliência da gruta para acalmar-se. "Estou tão cansado e ferrado de sono..."

"Não matarás!"

— Eu sei!

O fato de não ter sido ele o autor dos tiros não amenizava a questão. Fora cúmplice. Não saberia dizer por quanto tempo cochilara. A primeira coisa que sentiu foi o frio. Em relação à temperatura que deixara no exterior, a diferença deveria ser de mais de vinte graus. O suor gelava em seu corpo. Abraçou-se, tiritando. A camisa rasgada não ajudava. A segunda coisa percebida foi a escuridão. Tateou pela borda da gruta. Lá fora, o Sol quase desaparecera por trás das árvores, mas ainda havia alguma claridade. Cogitou de sair. Foi quando ouviu ao longe.

— Vozes! — sussurrou.

E latidos: farejadores. Não estavam longe da entrada da gruta.

Ficou bastante alarmado. Não supôs que viriam tão depressa.

Apanhou seu *smartphone* e, usando o aplicativo da lanterna, embrenhou-se mais fundo na garganta de pedra. Parecia que aquele lugar nunca tinha recebido luz alguma desde o tempo dos homens das cavernas.

O frio aumentou a medida em que se aprofundava.

Pedras rolavam.

Sombras realçavam-se.

A umidade crescia mais e mais.

O frio foi deixando suas extremidades dormentes.

Observou o relevo, os paredões, depósitos de minerais, formações que lembravam plantas ou recifes de coral. Os estalactites e estalagmites fizeram-no pensar em dentes de algum tipo de monstro pré-histórico gigantesco. E ele estava em sua goela. Amaldiçoou-se por isso. Pensou nas criaturas imensas daqueles filmes japoneses que apavoraram-no quando criança.

"Acalme-se."

O interior da gruta era sinuosa.

A entrada deixou de ser visível.

Subitamente, deparou-se com a bifurcação.

Biribinha hesitou. Não podia arriscar-se ir mais adiante. Devia estar fundo o suficiente para despistar a polícia. Só precisava desligar a luz e aguardar.

"Só isso..."

Fez o sinal da cruz. Sentou-se e tudo escureceu.

Foi quando se deu conta de uma corrente de ar gelada que vinha das entranhas da terra. Atingia-lhe uma das faces a intervalos regulares.

Era como se uma criatura respirasse.

"Pare com isso, tontolão!", censurou-se. "É apenas a brisa vinda da outra extremidade, de alguma outra abertura deste lugar medonho."

Esperou e esperou, encolhido de frio, tremendo todo, dentes batendo. Pensou na fogueira junto da qual se sentara com seus amigos de rua, garoto ainda, e resolviam furtar batatas de uma mercearia de esquina, cujo dono, por coincidência, descendia de japoneses. Depois, assavam-nas nas brasas. E era delicioso comê-las na noite fria, quentinhas, desmanchando na boca, fagulhas subindo para o céu. Bons tempos.

Sua tia colocara-o na escola de freiras, na esperança de que elas corrigissem seu comportamento. Ensinaram-lhe o temor a Deus, mas ele não aprendera a temer a maldade.

Finalmente, naquela catacumba de uma época primeva, chegou a hora de experimentar a verdadeira noção do Mal. Enfim, iria aprender... e temer.

Calafrio.

— Quem?

Sobressaltou-se, sem saber ao certo o que o havia assustado. Sacou sua arma.

Sentiu novamente a lufada de ar gelado no rosto.

Virou-se.

Só avistou a escuridão adiante.

Então, rente aos ouvidos, escutou:

"Venha..."

Caiu para trás.

O revólver disparou.

Sentiu uma dor aguda nas costas e nas nádegas.

O estrondo reverberou no interior da gruta em um milhão de ecos. Foi seguindo por uma explosão maior e mais distante, nas profundezas da gruta: desmoronamento.

Procurou pelo *smartphone* e acendeu a luz. Movimentou o facho desesperadamente em todas as direções.

As rochas, em suas múltiplas irregularidades, produziram sombras sinistras. Os estalactites no alto eram como caninos ameaçadores. A umidade fazia os cristais cintilarem em milhões de olhos.

Mas não havia mais ninguém vivo além dele.

Pelo sim, pelo não:

— Que-quem está aí?

Sua voz ecoou pelas paredes inúmeras vezes, afogado pelos ecos dos estouros que ainda teimavam em fazer-se ouvir. Após tudo terminar, em vez do silêncio, ouviu outra vez:

"Venha..."

Agora teve certeza.

— Deus!

Era uma voz grave e desprovida de vida.

Estava mais nítida... Mais próxima!

Um par de olhos vermelhos feito brasa acendeu nas trevas.

O terror tomou conta do bandido.

Biribinha começou a correr. Antes enfrentar a prisão do que *aquilo*.

Todavia, lentamente, a luz de seu aparelho principiou a morrer. Não era como se a bateria fraquejasse. A luz diminuiu, diminuiu, diminuiu... até apagar por completo.

— Não!

Sentiu algo prender suas pernas. Tentou libertá-la, tomado pelo desespero. Não conseguiu.

Era frio, gelado como... como a morte!

— NÃÃÃOOO!!!

"Venha...", murmurou a voz, sem pressa, agora junto aos seus ouvidos.

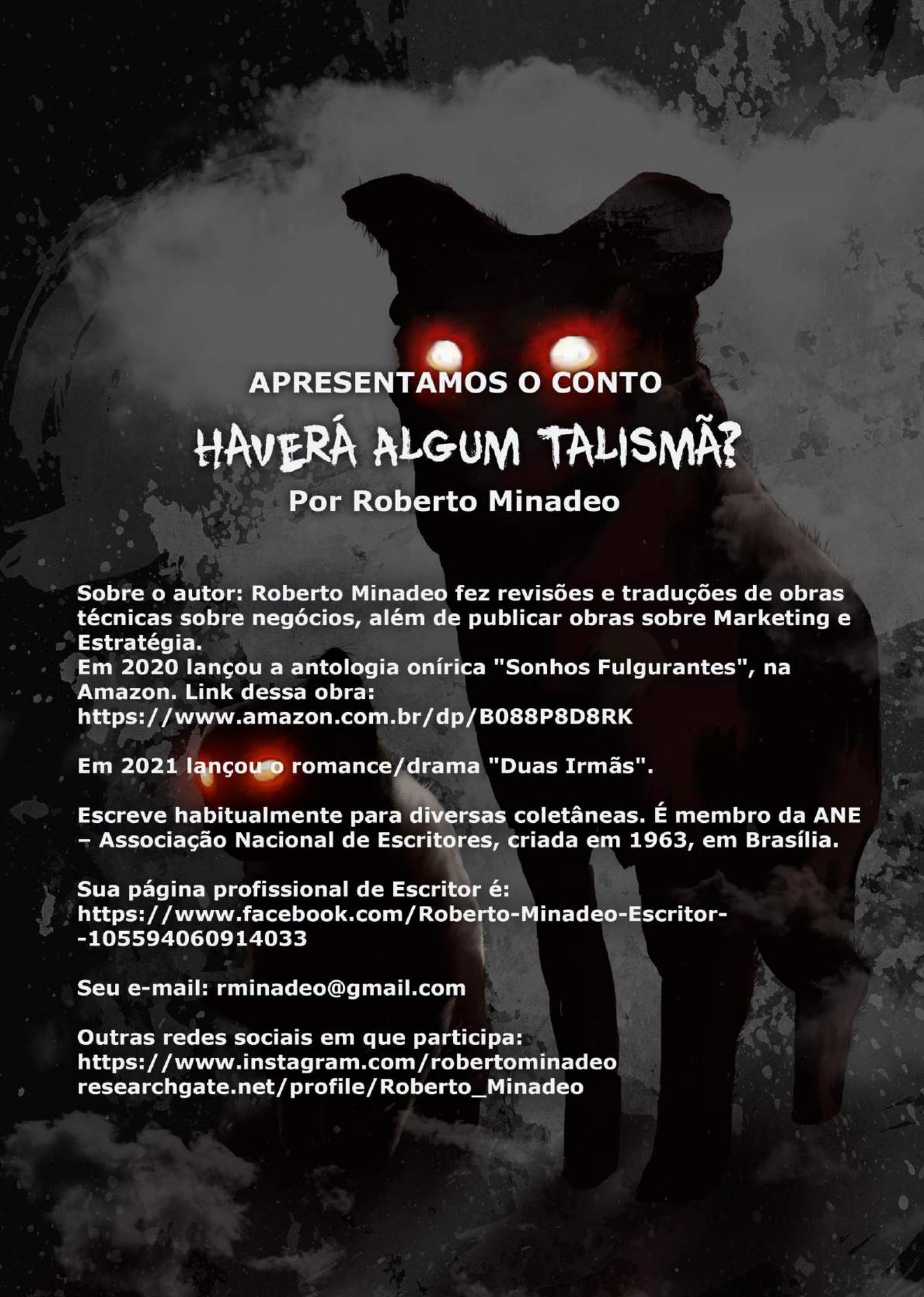
E, assim, a exemplo do *smartphone*, a luz de sua vida começou a extinguir.

A última coisa da qual teve consciência foi a voz de Madre Georgete na escola — que Deus a tivesse sob Sua guarda —, onde um dia Biribinha estudara. Repetiu em sua mente uma frase atribuída a um certo Reverendo Kraemer, fosse ele quem fosse:

"O Mal não despetala a flor de suas ilusões: ele a arranca de você pela raiz até nada restar além de um solo estéril, onde nada mais vingará."

Finalmente, o nó em sua garganta desatou. E ele, da garganta de pedra, o nó se tornou.





APRESENTAMOS O CONTO
HAVERÁ ALGUM TALISMÃ?

Por Roberto Minadeo

Sobre o autor: Roberto Minadeo fez revisões e traduções de obras técnicas sobre negócios, além de publicar obras sobre Marketing e Estratégia.

Em 2020 lançou a antologia onírica "Sonhos Fulgurantes", na Amazon. Link dessa obra:

<https://www.amazon.com.br/dp/B088P8D8RK>

Em 2021 lançou o romance/drama "Duas Irmãs".

Escreve habitualmente para diversas coletâneas. É membro da ANE – Associação Nacional de Escritores, criada em 1963, em Brasília.

Sua página profissional de Escritor é:

<https://www.facebook.com/Roberto-Minadeo-Escritor-105594060914033>

Seu e-mail: rminadeo@gmail.com

Outras redes sociais em que participa:

**<https://www.instagram.com/robertominadeo>
[researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo](https://www.researchgate.net/profile/Roberto_Minadeo)**

Keyra e Troy representavam o mais perfeito paradigma de um casal ideal — invejado por parentes, vizinhos e colegas. Trabalhavam bem, gostavam do que faziam, ganhavam rios de dinheiro. Para cúmulo da felicidade, eles se entendiam às mil maravilhas — sempre, e não apenas quando havia visitas.

Moravam em uma belíssima casa, que atraía os olhares de todos os que passavam pelo bairro. Detinham os automóveis mais estilosos de toda a região. Seus três filhos adolescentes eram os melhores de suas respectivas turmas. Espelhando-se na harmonia dos pais, as brigas entre os meninos se restringiram às inevitáveis rugas da infância, já tendo sido superadas na fase da vida em que se encontravam.

A alguns quilômetros dali, fora da região estritamente residencial, um comércio local detinha os clássicos sinais de decadência: lojas fechadas, becos fétidos e uns pobres sem-teto. Por sorte, durante a maior parte do tempo a temperatura da Flórida é bastante agradável. Não há um inverno propriamente dito que chegue a castigar ou mesmo a impedir a vida dos que vivem nas ruas.

As férias do verão de 2018 foram especialmente memoráveis à família. Keyra, Troy e os filhos foram à Europa. Permaneceram por cerca de dez dias nos países aos quais dedicaram mais tempo: Itália, França e Inglaterra. O casal se dedicou a desbravar os museus mais importantes, pois já haviam estado outras vezes nos pontos mais conhecidos desses países — que foram, portanto, deixados para que os meninos os fossem visitar, como a Torre Eiffel, os principais elementos turísticos do Fórum Romano e a Torre de Londres.

Outros dois meses foram transcorrido em países que representavam uma novidade completa, tanto ao casal quanto aos filhos: Croácia, Polônia, Hungria e Grécia. Depois de três meses, extremamente alegres, cheios de compras, mas já com certo cansaço e com muita saudade do lar, retornaram à Flórida.

A vida dos sem-teto é bastante monótona: a cada dia se trava uma silenciosa guerra nas ruas pela própria sobrevivência. Presentes? Viagens? Nada mais distante da vida dessas pessoas, tantas vezes marcadas por doenças e de tentativas para fugir da rotina ou até mesmo da depressão.

Sempre muito prática, ao retornar Keyra coordenou uma garage-sale de tantos cacarecos de sua casa. Afinal, tantas compras que haviam feito lutaram por ocupar bons espaços, revelando coisas que já estavam fora de uso. A prestativa mãe também se viu contente pelo fato de seus três meninos terem trabalhado arduamente em um final de

semana, sob sua mais estrita direção, cuidando de todos os detalhes, desde a ordem dos armários, à limpeza e arrumação, até a venda dos objetos tidos por inservíveis.

Um sem-teto que se tornara célebre na região, o Sam, passeando a esmo pelo nobre bairro residencial, se viu atraído pelas vendas. Na verdade, aquela casa era um ímã para ele, nobre, de aspecto colonial, localizada no ponto mais alto do bairro, cercada de enormes árvores. Às vezes, fazia pequenos bicos por ali, especialmente em aspectos ligados à jardinagem.

Acima de tudo, a mansão de Keyra e Troy era grande, um verdadeiro quartel general. Na imaginação do pobre Sam, a grandeza da casa se mediria por uma infinidade de quartos e de banheiros. Além disso, apreciava a imensa garagem, que já detinha espaço suficiente para os bólidos que os filhos viriam a ter nos próximos anos. Como gostaria de palmilhar cada cômodo dessa casa!

Ao comprar algumas pequenas bobagens no evento, uma nova fonte de admiração de Sam se voltou aos armários da garagem: gigantescos, extremamente bem ordenados. Ao terminar as compras, com a clássica falta de jeito que caracteriza as pessoas de baixa extração social, ousou pedir aos meninos que mostrassem apenas algumas das gavetas; o pobre Sam ficou de queixo caído, pois pôde constatar a existência de tudo o que se poderia imaginar para a manutenção de uma casa como aquelas, na mais perfeita ordem: pincéis, máquinas tais como compressores, ferramentas para todas as possíveis necessidades, e os já conhecidos equipamentos de jardinagem.

Nos meses sucessivos, a firma que Troy havia organizado, de alta tecnologia, perdeu os clientes, sistematicamente, à base de um por semana. Por volta do Natal, cinco meses após a viagem à Europa, a falência foi decretada.

Houve uma coincidência terrível: o escritório de advocacia criado por Keyra seguiu um padrão desesperadamente semelhante. A tristeza do casal superou todos os limites possíveis, incluindo alguns meses dos mais inesperados transtornos de ansiedade, não apenas pelas perdas materiais, porém, pelo fato de estas se darem aos poucos, de forma inexorável, e ao longo de alguns meses. Como resultado de todo esse processo, as polpudas poupanças do casal foram exauridas.

Os meninos tiveram que deixar a prestigiosa escola em que estudavam. A busca de emprego representou uma notável queda de padrão de vida e de expectativas para dois profissionais acostumados a serem líderes e donos de seus negócios durante cerca de duas décadas. O ano de 2019 se iniciou sem novidades, ou seja, com o casal

desempregado e os meninos na mais pobre das escolas da região. Um dos carros foi vendido.

As inevitáveis brigas começaram mansamente, sendo intensificadas à medida que a miséria se fez presente: meses seguidos sem receita. O carro escolhido por Troy para ser vendido foi o dela — fonte de amargura sem fim para Keyra. A escolha de onde os meninos passaram a estudar foi feita por ela, outra ocasião de conflitos, pois Troy julgou uma ofensa injustificável o fato de não ter sido consultado em algo tão importante.

Em março desse ano, foi inevitável usar a poupança reservada aos estudos superiores dos meninos — que receberam a notícia da maneira mais amarga possível, ganhando verdadeiro ódio aos pais. A perda do horizonte de estudos superiores levou os meninos a discussões intermináveis.

Ao início do mês de maio, os meninos estavam na praia, tendo sido levados por uma família amiga. O caçula se aventurara mar adentro, e começou a mostrar dificuldades para enfrentar as ondas. Na falta de salva-vidas, os irmãos foram em seu socorro. Infelizmente, não foi possível o resgate do caçula, e o casal o perdeu.

Às cerimônias fúnebres, Keyra e Troy passaram a se ver como verdadeiros inimigos — um culpando o outro pelo sucedido. As desavenças do casal se tornaram rapidamente insolváveis. O fantasma da hipoteca da casa chegou para ficar — tirando o sono do casal. Dado que o desemprego persistia, a obrigação de vender a casa tornou-se uma sólida realidade, que veio a ser marcada pelo banco que detinha a dívida.

Sam havia tido uma sorte dos diabos. Desde aquela comprinha que fizera na casa de Keyra e Troy, passara a ter um destino inesperadamente abençoado. Detinha uma única ideia proveniente de seus estudos interrompidos tantos anos atrás. Ideia inútil, jamais posta em prática e ridicularizada por todos os que haviam tido o azar de vê-la repetida tantas e tantas vezes ao longo dos anos. Ele desistira, jamais falava de tais temas — até mesmo pelo fato de que a sua condição de sem-teto não permitiria nada proveniente de sua boca ser levada a sério.

No dia seguinte ao evento do garage-sale, um antigo desafeto de Sam não perdeu a chance de ridicularizá-lo diante do único benfeitor dos sem-teto, um empresário e político da região que costumava se reunir com eles em um café da manhã improvisado nas ruas. Acuado, Sam desconversou. O doador percebeu que havia algum potencial oculto, um diamante por lapidar. Chamou Sam à parte, e o convidou a uma lanchonete.

Após cerca de quinze minutos, satisfeito, Sam foi inquirido de sua ideia. Apesar de tentar desconversar, o empresário disse que o levaria a sério. Ante a cara de incredulidade de um cansado e tantas vezes humilhado sem-teto, o político se viu na necessidade de um gesto para materializar a sua boa vontade ao ouvinte: tirou um cheque, rindo, dizendo que apenas a cada dois ou três meses preenchia um daqueles jurássicos documentos. Apenas o assinou e datou, dizendo a Sam que iria pesar cuidadosamente sua ideia e que preencheria o valor ao final da conversa, se encontrasse nela algo de útil.

Sam, ainda cético, falou. Recordou-se dos bancos escolares, do trabalho de conclusão de curso que não pudera terminar. Chorou duplamente, pois essas recordações eram dolorosas, enquanto que, por outro lado, sua ideia era apaixonante — relacionada aos negócios, mais especificamente ligada ao delicado mundo das finanças corporativas, com pontos de intersecção entre as empresas e os governos.

O político ficou sensibilizado. Preencheu o valor de trezentos mil dólares. A vida de Sam foi completamente alterada. Alugou o menor apartamento possível, retornou aos estudos, comprou roupas simples. Não gastou um centavo para comprar algum carro, pois o tempo dos aplicativos de mobilidade já era uma realidade, trazendo, portanto, economias sensíveis. Também não comprou joias ou sequer um relógio melhor do que o surrado mecanismo comprado usado.

Sam trabalhou dia e noite. O empresário se associou a ele. Desbravaram as maiores empresas do país. A cada visita, se ganhava um novo cliente. O pobre sem-teto que jamais andara de avião começou a passar horas e horas de sua vida cruzando os ares das maiores cidades norte-americanas. Cioso de seus suados dólares, apenas se hospedava em locais muito simples.

O ex-sem-teto veio a saber por absoluto acaso da venda da casa de Troy e Keyra. Além disso, chegaram os boatos da ruína daquela família. Não podia sair de sua admiração ao saber disso tudo: como uma família tão rica há poucos meses viera a cair em tão profunda miséria? Cético quanto às suas possibilidades de se apossar daquela mansão, acudiu ao leilão, apenas para assistir. Ficou timidamente no último banco, esperando lances altíssimos e que o alijariam de qualquer possibilidade.

Qual não foi a surpresa de Sam ao constatar que a hipoteca, aliada ao tamanho da casa e à sua localização, representavam elementos dissuasórios da maior parte dos compradores!

O que se esperaria, portanto, como um leilão de preços ascendentes, veio a se tornar exatamente o contrário. Após alguns minutos e sem que ninguém apresentasse algum lance, os preços caíram. Novo silêncio, e nova rodada de diminuição de preços. Os banqueiros conversaram entre si, no que parecia ser a fixação do piso mínimo aceitável. O pobre ex-sem-teto detinha uma habilidade, a leitura labial, tantas vezes cultivada ao ser vilipendiado nas ruas, e à busca das raras palavras positivas a ele dirigidas por pessoas como o empresário que veio a salvá-lo.

Esperou pacientemente, e comprou a mansão! Ele, que nunca tivera nada de valor, tomou posse do imóvel no mesmo dia em que Troy e Keyra saíram brigados, cada um em direção à casa dos pais, carregando apenas metade das dívidas e uma infinita dose de ressentimento em relação ao outro.

A casa foi usada por Sam sediar uma fundação educacional voltada aos sem-teto, criada com apoio de seu sócio. Passou a se reunir com os antigos colegas e a gastar o sábado inteiro com eles, para tirá-los das ruas. Dado que dinheiro não representava nenhum problema, então pagou cursos, roupas e moradia. Tudo muito simples, para que cada centavo fosse valorizado e para que seus amigos viessem a se sentir produtivos.

Depois de alguns meses vivendo em uma carreira dupla, com viagens e clientes de porte nacional e com sua dedicação aos velhos amigos, Sam se viu coroado de êxito. Todos os colegas, absolutamente todos, estavam trabalhando, livres de problemas sérios de saúde ou de vícios. Fizeram uma festa pequena, mas significativa: utilizaram a churrasqueira da antiga mansão, que sediava a fundação, para homenagear o milionário que jamais se esquecerá deles. Chamado a discursar nesse dia, ele chorou, as palavras de quem já era um orador nacionalmente conhecido, simplesmente lhe faltaram.

O colega das ruas que o ofendera diante do famoso político e empresário se viu na contingência de pedir desculpas públicas daquele dia que fizera os mais infelizes comentários de sua vida. Sam puxou gostosas gargalhadas de todos, dizendo que graças àquela “ofensa”, sua vida começara a passar por uma milagrosa reviravolta. Gostaria de sofrer maiores e mais graves desaforos. Contagiados por tudo isso, todos riram, irmanados pela mais genuína alegria.

Um dos colegas presenteou Sam com um caro relógio de marca famosa. Conhecia o já famoso orador, de modo que escolheu um produto bom, porém sem que tivesse uma aparência ostensiva. De fato, o pobre e surrado relógio usado pelo amigo de todos não

merecia mais continuar em pulso tão nobre. Emocionado, Sam recebeu o presente, e ameaçou se desfazer do velho relógio.

Um dos presentes veio com uma tímida sugestão: seria muito mais oportuno um leilão do velho maquinismo do Sam, para a fundação voltada aos sem-teto. O grupo foi unânime, e acolheu a medida com entusiasmo. Na verdade, inventaram uma nova forma de leilão, cada qual fazia um lance por escrito, o relógio iria ao detentor do maior valor, porém, todos os demais participantes iriam contribuir ao fundo recém-criado com os lances “perdedores”. Dito e feito. Todos ficaram muito felizes por serem parte de um esforço comum, e quase dez mil dólares foram levantados por um relógio que jamais valeria a centésima parte desse montante.

Puxando pela memória, Sam se demorou a recordar da origem do seu velho companheiro de tantas horas. Foi difícil, mas veio à mente o momento exato: a garage-sale da mansão que ele mesmo comprou poucos meses depois e que custeara todo o seu programa junto aos seus incríveis colegas.

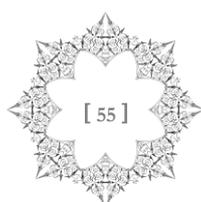
A emoção que já tomava conta do ambiente se ampliou consideravelmente.

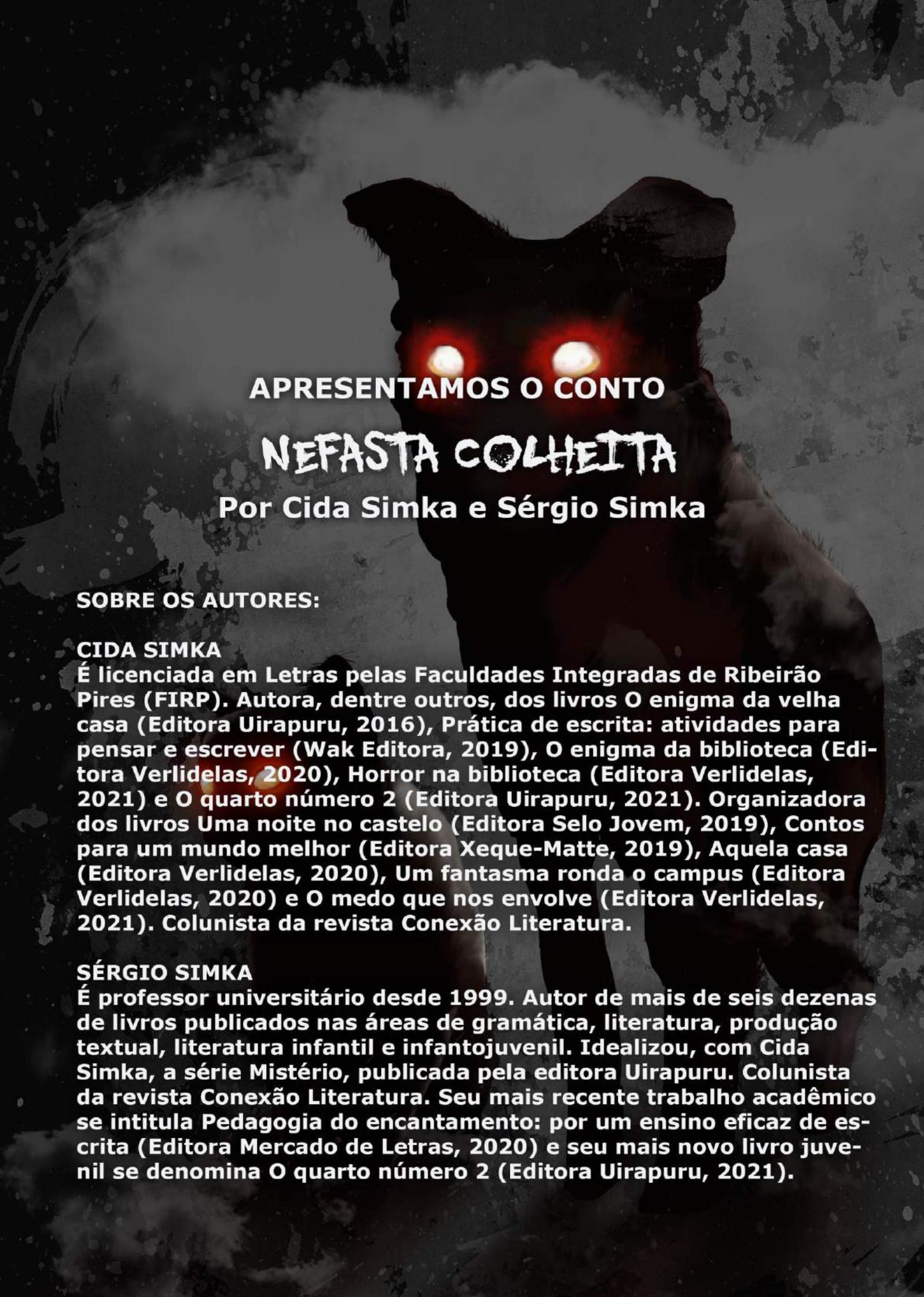
Ao sair do almoço, Sam teve uma tontura. Bobagem, pensou ele, cuja saúde o permitira atuar sem sequer uma hora de interrupção de suas atividades, durante anos a fio. Rumou para casa, havia tanta coisa a preparar. Entretanto, um fulminante derrame o vitimou naquele mesmo dia.

Bill, o feliz comprador que levava o relógio com um lance de apenas duzentos e noventa dólares passou a ter uma carreira alucinante. Era apenas um pedreiro sem estudos. Graças ao Sam, a quem tudo devia, começou a fazer pequenos reparos pelas casas do bairro nobre. Abriu uma empreiteira. Após o enterro do benfeitor, assistiu a uma surpreendente multiplicação nos negócios. Em apenas uma semana já adquiriu seus primeiros terrenos e fez suas primeiras incorporações. Em dois meses, começou a construção de seu primeiro prédio — do qual todos os apartamentos haviam sido vendidos na planta.

O empreiteiro foi visitar o túmulo do inesquecível Sam. Ficou visivelmente emocionado com o quadro de abandono reinante. Fez muito pouco, mas o suficiente para afastar as piores espécies de plantas e para reparar o túmulo. Ao refletir em sua vida, teve a esperteza de considerar que devia tudo ao benfeitor, pois sabia que não era mais inteligente do que a média, que jamais estudara, e que não era rodeado de bons contatos.

Em homenagem ao Sam, além de cuidar de seu túmulo, resolveu jamais se desfazer daquele relógio — que para ele passou a ser um talismã, inseparável em cada um de seus passos e decisões.





APRESENTAMOS O CONTO

NEFASTA COLHEITA

Por Cida Simka e Sérgio Simka

SOBRE OS AUTORES:

CIDA SIMKA

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019), *O enigma da biblioteca* (Editora Verlidelas, 2020), *Horror na biblioteca* (Editora Verlidelas, 2021) e *O quarto número 2* (Editora Uirapuru, 2021). Organizadora dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019), *Contos para um mundo melhor* (Editora Xequê-Matte, 2019), *Aquela casa* (Editora Verlidelas, 2020), *Um fantasma ronda o campus* (Editora Verlidelas, 2020) e *O medo que nos envolve* (Editora Verlidelas, 2021). Colunista da revista *Conexão Literatura*.

SÉRGIO SIMKA

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela editora Uirapuru. Colunista da revista *Conexão Literatura*. Seu mais recente trabalho acadêmico se intitula *Pedagogia do encantamento: por um ensino eficaz de escrita* (Editora Mercado de Letras, 2020) e seu mais novo livro juvenil se denomina *O quarto número 2* (Editora Uirapuru, 2021).

Só saí de casa porque queria muito — muito mesmo — ver com os meus próprios olhos o espantalho da fazenda.

Nunca vi um em minha vida, só nos livros. Quero dizer, eu apenas os conhecia pelos livros, eu lia que eles (os espantalhos) eram aterrorizantes, ganhavam vida após a meia-noite ou as três da madrugada. Costumavam ir atrás dos injustos, dos que, de alguma forma, invadiam a plantação deles e tinham, no pretérito, feito algo inconfessável, que você pensaria umas dez mil vezes antes de se abrir com o padre. Acho que, dependendo da pessoa, não haveria coragem sequer de confessar, mesmo que não vislumbrasse o rosto do vigário. Eu nunca falaria uma vírgula a alguém — minha mulher jamais soube — o que eu fiz nos anos de minha mal-afortunada adolescência.

Quando fiquei sabendo que uns tios de minha mulher, os quais não via fazia uns cem anos, resolveram fincar um espantalho no meio do milharal, na fazenda não muito distante, insisti tanto que Cirlene resolveu me levar. Nem me questionou como fiquei sabendo.

Ah, claro, acabei sabendo da existência dele porque um sobrinho meu havia comentado via WhatsApp, cuja ligação eu havia interceptado, que os tios resolveram colocar um “espantalho maneiro” — assim foram as suas palavras — bem no meio da plantação da fazenda que tinham no interior. E isso bastou para atizar a minha curiosidade.

Foi extraordinariamente decepcionante.

Confesso que *aquilo* não se parecia nem de longe com um espantalho, nem aquele pedaço de fim de mundo podia se chamar de fazenda.

Chegamos num sábado debaixo de uma garoa fina ao pedaço de terra malcuidada que os tios possuíam.

Já vou avisando que só saí de casa para ver o maldito espantalho porque, como sou cadeirante, reconheço que dou um enorme trabalho, não apenas para me locomover com uma velha cadeira de rodas, mas porque desejo infinitamente que todos sintam pena de mim.

Mas ninguém sentia sequer um grama de pena, nem minha própria mulher, que estava era muito infeliz da vida comigo. Não tiro as razões dela. Eu até reconhecia intimamente que alimentava uma mágoa de mim mesmo, por agir sem a mínima empatia

com as pessoas, mas externamente não ligava a mínima à vida ao meu redor, realmente não dava o braço a torcer. Maldito orgulho.

A verdade era que eu me fazia de vítima, culpava todo o mundo pela minha condição de inválido. Eu era na realidade um inválido mental, mas não queria aceitar. Não entrarei em detalhes.

Após os habituais cumprimentos, pedi à minha mulher que me conduzisse imediatamente até o local onde se encontrava o espantalho.

A ida para ver os tios de minha esposa serviu como uma desculpa bem sem-vergonha, mas acho que os velhinhos não perceberam, ficaram até felizes com a nossa presença. Só o velho, quando me viu, lançou um sorriso esquisito. Será que o filho da mãe não conhecia a minha *condição*?

Chegamos bem próximo ao espantalho. Os tios, por alguma razão, não nos acompanharam.

— Eis aí o *seu* espantalho — afirmou minha mulher. Acho que se divertia com a situação e principalmente diante da minha atitude, de visível incredulidade.

— Sinceramente, Cirlene, se eu soubesse que ia me deparar com *isso*, jamais teria vindo.

Para variar, comecei a xingar todo o mundo, até minha mulher. Não economizava nos palavrões.

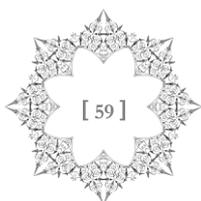
Eu apontava para um arremedo de espantalho, umas madeiras cruzadas sob um terno preto esfarrapado, encimado por uma estranha cabeça, que não consegui distinguir bem a forma.

Cirlene nada disse.

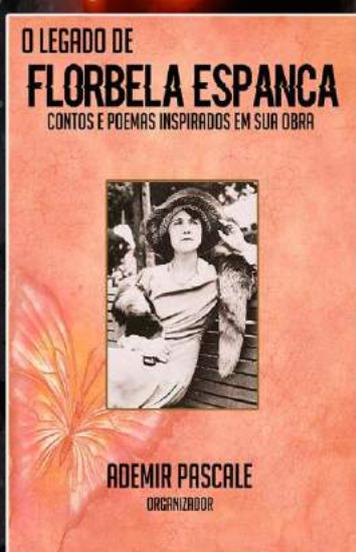
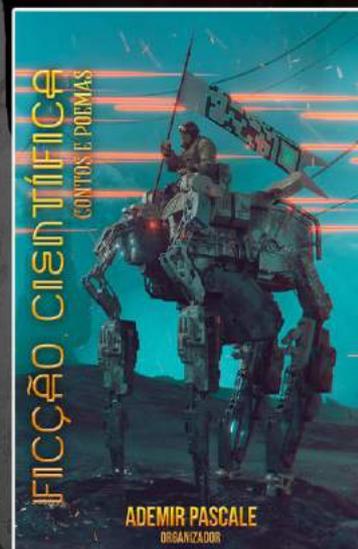
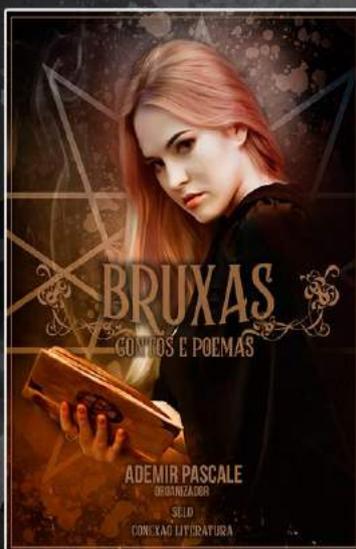
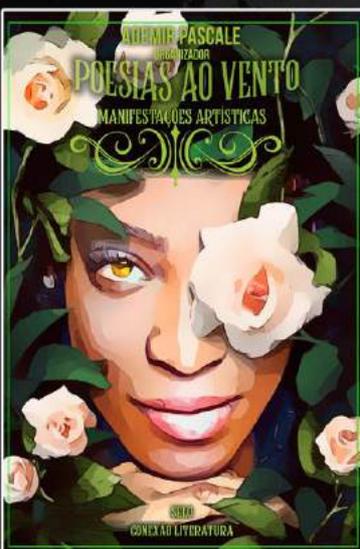
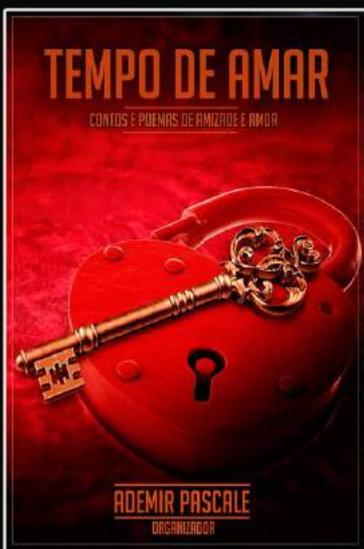
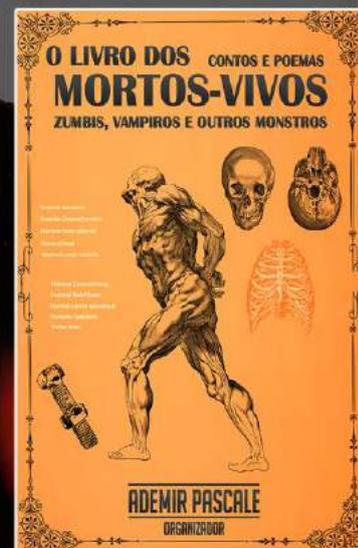
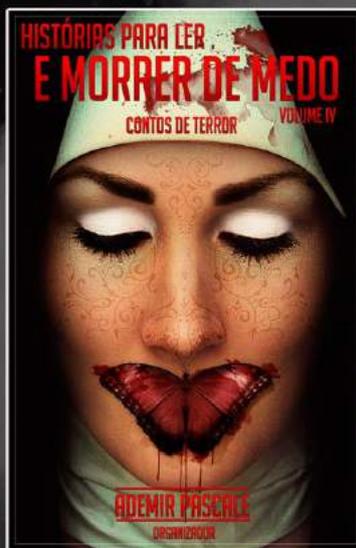
Fiquei encarando o espantalho com uma gigantesca raiva. Morria de ódio de mim mesmo e principalmente dos meus tios, por terem me *enganado*.

Sim, era extremamente fácil e libertador jogar a culpa em alguém. Não é assim que costumamos fazer? Ah, já disse que eu não estou me candidatando a ser um santo?

De repente, senti uma dor excruciante nas costas. Antes que minha visão se apagasse, só tive tempo de ver o espantalho e a forte chuva que agora caía sobre ele.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI